

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**UMA SOMBRA PRA CHAMAR DE SUA: VIVÊNCIAS E
AFETOS DOS IDOSOS EM CONTEXTO ASILAR NO
MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Trícia Andrade Cardoso

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**UMA SOMBRA PRA CHAMAR DE SUA: VIVÊNCIAS E
AFETOS DOS IDOSOS EM CONTEXTO ASILAR NO
MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS**

Trícia Andrade Cardoso

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.^a Maria Catarina Chitolina Zanini

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cardoso, Trícia Andrade

Uma sombra pra chamar de sua: vivências e afetos dos idosos em contexto asilar no município de Santiago - RS. / Trícia Andrade Cardoso.-2015.

101 f.; 30cm

Orientadora: Maria Catarina Chitolina Zanini
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2015

1. Envelhecimento 2. Idosos 3. Asilo 4. Santiago - RS
I. Zanini, Maria Catarina Chitolina II. Título.

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Trícia Andrade Cardoso. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: tricia.cardoso@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

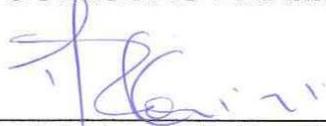
**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**UMA SOMBRA PRA CHAMAR DE SUA: VIVÊNCIAS E AFETOS DOS
IDOSOS EM CONTEXTO ASILAR NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS**

elaborada por
Trícia Andrade Cardoso

Como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:



Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Vania Beatriz Merlotti Herédia, Dr. (UCS)



Marco Aurelio de Figueiredo Acosta, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 21 de maio de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos moradores da Sociedade Assistencial Santa Isabel, que me acolheram de maneira afetuosa e que sempre me receberam com o portão aberto, para muitas tardes de conversa. Também aos seus funcionários, em especial ao seu Faccim e ao seu Pedro, que sempre saciaram as minhas dúvidas em relação ao funcionamento da instituição. Agradeço aos integrantes da comunidade de Santiago, que fazem com que a instituição seja uma realidade para inúmeras pessoas que não tinham um lar até chegar à Sociedade Assistencial Santa Isabel.

À Capes agradeço pelo apoio financeiro para que essa pesquisa fosse realizada, bem como à Universidade Federal de Santa Maria e a todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, que foram essenciais em minha trajetória acadêmica, desde a graduação. À nossa querida secretária Jane, sempre pronta e disposta a ajudar o corpo discente do Mestrado. Em especial, à minha orientadora, a professora “Cata”, por me dar esse privilégio de poder ser sua orientanda, pela sua paciência diante das minhas dificuldades, pelo seu apoio incentivo, desde a iniciação científica: muito obrigada, professora!

Meus agradecimentos à banca: às professoras Vania e Katiuse, pela leitura minuciosa e pelas sugestões preciosas que me proporcionaram desde a qualificação, as quais foram fundamentais para a realização da dissertação;. em especial, ao professor Marco, que me acompanhou e me instigou a refletir sobre o envelhecimento, desde a sua orientação durante a Especialização.

Aos meus colegas e amigos dos grupos de estudo NECON e GEPEG e aos colegas do Mestrado, agradeço pelas inúmeras trocas de conhecimento. Em especial, deixo meu obrigada ao companheirismo no estudo da minha colega Rubia Machado, com quem foram muitas trocas de conhecimento durante esses dois anos de mestrado. e então, amiga, serei eternamente grata por tua amizade. À minha amiga Juliana Franchi, agradeço pelo apoio, por estar sempre disposta ajudar-me com suas sugestões acadêmicas. Aos demais amigos, sou grata pela compreensão pelas minhas ausências nos inúmeros churrascos!

Ao meu namorado Eduardo Abbade, que foi de extrema importância nos momentos finais desta dissertação, por ter paciência com uma mestranda nervosa, por ter sido um maravilhoso ouvinte atento às minhas inquietações, dúvidas e empolgações, que, às vezes, vinham todas juntas, muito obrigada pelo apoio.

À minha irmã Karol, sou grata pela paciência e pelas trocas de conhecimento, durante todo o tempo do mestrado, principalmente quando eu refletia na sala e queria fazer você entender alguma teoria. Agradeço pelas inúmeras vezes que você fez o almoço; pelos nossos lanches da tarde, que serviam como pausa para o nosso estudo, mas que, muitas vezes, se transformaram em reflexões.

Finalmente, aos meus pais Gilmar e Janete, que dignamente me apresentaram ao caminho da honestidade e persistência, sou grata por sempre me incentivarem diante dos desafios, pelo seu apoio em incondicional nessa minha caminhada acadêmica, pois, realmente, sem esse apoio este momento não seria realidade.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

UMA SOMBRA PRA CHAMAR DE SUA: VIVÊNCIAS E AFETOS DOS IDOSOS EM CONTEXTO ASILAR NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS

AUTORA: TRÍCIA ANDRADE CARDOSO

ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Santa Maria, 21 de maio de 2015.

A presente dissertação tem por objetivo compreender a situação do idoso asilado, procurando apresentar ao leitor o mundo do interno e sua sociabilidade em contexto asilar. A condição asilar, muitas vezes, tem um sentido pejorativo, o que é reforçado em algumas pesquisas. Então, o texto procura demonstrar outra face do asilo, na qual o enfoque está nas relações afetivas criadas e mantidas dentro dele, compreendendo a sociabilidade desse ambiente como principal elemento motivador para o interno querer permanecer dentro do asilo. Realizou-se um estudo etnográfico sobre envelhecimento no contexto asilar, na cidade de Santiago-RS, mais especificamente envolvendo os idosos internos que se encontram na Sociedade Assistencial Santa Isabel. Buscou-se conhecer as práticas do cotidiano asilar, interpretar as vivências de idosos nesse contexto e compreender como estes aprendem e reinventam tal espaço, especialmente nos momentos de maior sociabilidade e de trocas interativas.

Palavras-chave: Envelhecimento. Idosos. Asilo. Santiago - RS.

RESUMEN

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

UNA SOMBRA PARA LLAMAR DE SUYA: VIVENCIAS Y AFECTOS CONTEXTO ASILAR EN EL MUNICIPIO DE SANTIAGO - RS.

AUTORA: TRÍCIA ANDRADE CARDOSO

ORIENTADORA: MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI

Santa Maria, 21 de mayo de 2015.

Esta tesis tiene como objetivo comprender la situación del anciano asilado, buscando presentar al lector el mundo del interno y su sociabilidad en contexto asilar. La condición asilar, muchas veces, tiene un sentido despectivo, lo que es reforzado en algunas investigaciones. Así, el texto procura demostrar el otro lado del asilo, en el cual el foco está en las relaciones afectivas creadas y mantenidas dentro de él, comprendiendo la sociabilidad del ambiente como principal elemento motivador para el interno querer permanecer dentro del asilo. Se realizó un estudio etnográfico sobre envejecimiento en contexto asilar, en la ciudad de Santiago-RS, más específicamente involucrando a ancianos internos que se encuentran en la Sociedade Assistencial Santa Isabel. Se buscó conocer las prácticas del cotidiano asilar, interpretar las vivencias de ancianos en este contexto y entender como ellos aprenden y reinventan tal espacio, especialmente en los momentos de mayor sociabilidad y de intercambios interactivos.

Palabras-clave: Envejecimiento. Ancianos. Asilo. Santiago - RS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Fotografia da Santa Isabel no refeitório. | 22 |
| Figura 2 – Número de Internos/mulheres, por faixa etária | 23 |
| Figura 3 – Número de Internos/homens, por faixa etária | 23 |
| Figura 4 – Fotografias da Sociedade Assistencial Santa Isabel. | 31 |
| Figura 5 – Planta | 32 |
| Figura 6 – Fotografias da Sociedade Assistencial Santa Isabel. | 33 |
| Figura 7 – Sala de convivência. | 34 |
| Figura 8 – Planta | 35 |
| Figura 9 – Planta | 36 |
| Figura 10 – Sala de refeição | 37 |
| Figura 11 – Planta | 39 |
| Figura 12 – Idosos..... | 58 |
| Figura 13 – Idosos..... | 59 |
| Figura 14 – Idosos..... | 60 |
| Figura 15 – Idosos..... | 61 |
| Figura 16 – Idosos..... | 75 |
| Figura 17 – Rede de comadres | 78 |
| Figura 18 – Idosos..... | 79 |
| Figura 19 – Idosos..... | 82 |
| Figura 20 – Festa de Natal | 86 |
| Figura 21 – Idosos..... | 87 |
| Figura 22 – Baile | 88 |
| Figura 23 – Baile | 89 |
| Figura 24 – Espaços | 92 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| ANVISA | – Agência Nacional de Vigilância Sanitária |
| CAPES | – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CAPS | – Centro de Atenção Psicossocial |
| IBGE | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ILPIS | – Instituição de Longa Permanência |
| INSS | – Instituto Nacional do Seguro Social |
| PBA | – Programa Brasil Alfabetizado |
| OMS | – Organização Mundial da Saúde |
| MEC | – Ministério da Educação |
| SASSI | – Sociedade Assistencial Santa Isabel |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO I UMA ETNOGRAFIA ENTRE E COM ASILADOS NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS. | 16 |
| 1.1 Algumas considerações sobre o método etnográfico | 16 |
| 1.2 Sociedade Assistencial Santa Isabel como cenário para pesquisa antropológica | 21 |
| 1.3 “Abre o portão”: conhecendo a Sociedade Santa Isabel..... | 30 |
| 1.4 A inserção com e entre o grupo de internos..... | 39 |
| CAPITULO II ENVELHECIMENTO, TEMPO E NARRATIVAS | 44 |
| 2.1 Noções sobre o envelhecimento | 44 |
| 2.2 A velhice na percepção dos internos: como eles se percebem? | 49 |
| 2.3 Caminhos que conduziram ao asilo | 62 |
| CAPÍTULO III MORADORES E SUAS INTERAÇÕES. | 69 |
| 3.1.1 Rede de comadres e compadres..... | 74 |
| 3.1.2 Chimarrão, religiosidade, afetos, festas..... | 80 |
| 3.2 Os espaços imaginários do asilo | 89 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 94 |
| REFERÊNCIAS | 97 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema o envelhecimento. O estudo foi realizado com um grupo de idosos que residem na Sociedade Assistencial Santa Isabel, no município de Santiago, Rio Grande do Sul. Vale ressaltar que a temática envelhecimento é algo de interesse mundial¹. Segundo a Organização das Nações Unidas (2003), no século XX, a longevidade aumentou 20 anos em relação a 1950, sendo que a previsão para 2050 é de um aumento de mais 10 anos. Tal aumento será rápido e visível em países desenvolvidos.

No Brasil, o processo rápido e visível de envelhecimento é uma realidade. De acordo Organização Mundial da Saúde (2005), o Brasil, em 2050, será o sexto país com maior número de idosos. Entre 1980 e 2000, a população com 60 anos ou mais cresceu 7,3 milhões, totalizando mais de 14,5 milhões em 2000. Na década de 70 a Organização Mundial da Saúde junto com as Nações Unidas declaram a Era do Envelhecimento, devido a revolução da longevidade.

As Ciências Sociais começa abordar o tema envelhecimento devido as demandas sociais que nascem e se instalam. De acordo com Motta (2006), o tema envelhecimento começou a ser abordado nas Ciências Sociais na década de 1960, no entanto, de modo escasso. Foi viabilizado na década de 1980, mas só foi ter relevância teórica e social na década de 1990. Para Debert (2011, p. 2),

falar em envelhecimento populacional é chamar a atenção para o prolongamento da vida humana e também para a redução da taxa de natalidade, o que leva a um achatamento da pirâmide etária, na medida em que a proporção dos idosos se iguala ou aumenta em relação aos jovens e às crianças.

Dessa forma, devido ao aumento da população idosa em nível mundial, e, principalmente, pelo fato de o Brasil ser prognosticado como sexto país com maior número de pessoas consideradas idosas, torna um estudo sobre envelhecimento relevante. No entanto, é possível apontar outros fatores que justificam a necessidade

¹ Esse aumento demográfico e o rápido crescimento da população na primeira metade do século XXI fizeram com que o número de pessoas com mais de 60 anos, que era, aproximadamente, de 600 milhões, no ano 2000, chegasse a quase 2 bilhões, em 2050, enquanto se projeta um incremento mundial da proporção do grupo de população definido como pessoas idosas de 10%, em 1998, para 15%, em 2025. (Organização das Nações Unidas,2003, p. 27).

de estudar a institucionalização do idoso, tal como a relação com os familiares, a solidão, a medicalização correta, a interação em novo ambiente, a moradia.

Quanto ao local de moradia, os idosos podem estar no ambiente familiar ou em instituições de longa permanência para idosos (ILPI). Cuidados institucionais não são prática generalizada nas sociedades latinas. É consenso entre as mais variadas especialidades científicas que a permanência dos idosos em seus núcleos familiares e comunitários contribui para o seu bem-estar (CAMARANO & PASINATO, 2004). [...] **Em 2002, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados publicou o relatório “V Caravana Nacional de Direitos Humanos: uma amostra da Realidade dos Abrigos e Asilos de Idosos no Brasil”. De acordo com o relatório, havia cerca de 19.000 idosos institucionalizados em todo o País, o que representa 0,14% do total de idosos brasileiros.** É de se esperar que esse número seja bem maior, levando-se em conta que muitas das instituições asilares não são cadastradas e que grande parte funciona na clandestinidade (BRASIL, 2006).

Para esta dissertação, busquei responder a seguinte questão: De que forma idosos asilados percebem sua condição e aprendem a desempenhá-la nos processos interativos institucionais e pessoais?

O objetivo central da pesquisa foi compreender a experiência de envelhecer em contexto asilar, possuindo como objetivos secundários abranger, na análise, os processos de aprendizado de novos padrões culturais para permanência dentro da instituição e entender as vivências cotidianas visando à cultura asilar, bem como procurar perceber quais as redes de relações mantidas pelos idosos.

A palavra “asilo” vem sendo substituída por outras palavras ou expressões como “lar das vizinhas”, “casa de repouso”, “casa geriátrica”, entre outras denominações. Conforme Debert (2012, p. 61, grifo meu), acompanhando a invenção da terceira idade, ou seja, está a criação de uma nova linguagem, que estaria em oposição às antigas maneiras de tratar os velhos: “terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; **o asilo passa a ser chamado de centro residencial [...]**”. Sobre o significado da palavra asilo “O vocábulo asilo deriva-se etimologicamente do grego asylon através do latim asylum, e remete a abrigo, refúgio e também a lugar inviolável, marcando assim a exclusão do contato externo” (REZENDE, 2002 apud CAMARANO, 2010, p. 152).

A alteração da nomenclatura de asilo para ILPIS (Instituições de Longa Permanência para Idosos) foi proposta pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia:

A mudança proposta extrapola o objetivo de apenas uma troca de nomenclatura. Em virtude do envelhecimento populacional e da sobrevivência por um tempo longo de pessoas com deficiências físicas, mentais e cognitivas, propôs-se um novo paradigma de cuidado. A função das instituições deve ir além do abrigo, o que requer que estas sejam integradas não só à rede de assistência social, mas, também, à rede de saúde. Esta mudança de paradigma/nomenclatura pode contribuir para a redução do preconceito ao ampliar o papel das instituições. (BORN e BOECHAT, 2006 apud CAMARANO, p. 159, 2010).

Sendo que as instituições de Longa Permanência para Idosos conforme a ANVISA possuem características e normas específicas, afim de que mantenham as condições de liberdade e dignidade, sendo o seu público pessoas acima de 60 anos, com ou sem suporte familiar, “a Instituição pode ser mantida por órgãos governamentais e não governamentais, destinada a propiciar atenção integral em caráter residencial com condições de liberdade e dignidade” (ANVISA, acesso online)

Em relação a Sociedade Assistencial Santa Isabel é uma Sociedade Assistencial, porém o seu administrador e os seus internos a reconhecem e a chamam por asilo e, além disso a instituição é conhecida no município como sendo asilo, pois quando a mesma foi fundada era o nome denominado para abrigar pessoas idosas sem familiares, momento o qual a nomenclatura asilo não vinha sendo substituída por outras palavras. Segue trecho do Estatuto do asilo:

CAPÍTULO 1º - DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º - A SOCIEDADE ASSISTENCIAL SANTA ISABEL – SASSI, Fundada em 19 de novembro de 1930, com sede e foro nesta cidade, localizada [...], Santiago, RS, é uma sociedade de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos ou lucrativos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, sem cunho político ou partidário, com a denominação de **ASILO SANTA ISABEL** (ESTATUTO SASSI, Grifo meu)

Vou utilizar da palavra asilo ao longo da dissertação para me referir a Sociedade Assistencial Santa Isabel, sobre os seus internos da instituição tem capacidade para 72 residentes, podendo ser homem ou mulher. A instituição não é destinada apenas idosos, pois há residentes de diferentes faixas etárias, sendo que a maioria não tem familiares ou os familiares não tem condição de manter, porque as pessoas que não se enquadram na categoria idosos e são residente do asilo, são possuem alguma necessidade especial de cunho psicológico ou físico.

Compreendo a Sociedade Assistencial Santa Isabel como uma instituição total, no sentido definido por Goffman (2010), na qual, quando se passa a ser interno, existe certa homogeneização, uma padronização de horários, ou seja, um conjunto

de regras para o funcionamento da instituição. No entanto, essa inserção em uma instituição total faz os indivíduos redefinirem a sua identidade social, a qual foi construída em sua trajetória social e estaria carregada de hábitos e valores aprendidos em ambiente familiar e social por meio de suas socializações anteriores. O asilo se torna um novo espaço para o indivíduo ser socializado, pois eles aprendem a ser idosos asilados.

A socialização é uma maneira de interação, sob a qual se mantém as relações sociais. Segundo Junior (2005), a interação estaria relacionada à reciprocidade:

Qualquer que seja o motivo acionado pela interação, ela desencadeia redes de reciprocidades, expressas nas formas sociais, delas derivando ou criando, vamos dizer assim, as associações, que se projetariam sobre o solo social. Portanto, os modos de vida são veículos diretos das interações sociais. A sociabilidade é resultante das condições inerentes e gestadas pelas múltiplas combinações interacionais acionadas a partir dos indivíduos, por grupos e por classes sociais, sintetizadas e cristalizadas na própria sociedade (JUNIOR, 2005, p. 33).

Após essa breve apresentação sobre a pesquisa, minha proposta é a demonstrar um estudo realizado de caráter antropológico entre idosos residentes na Sociedade Assistencial Santa Isabel, sendo o fio condutor dessa pesquisa a etnografia, com observação participante e diário de campo. O tempo de pesquisa de campo, desde o primeiro contato com os administradores, passou de um ano, pois foi em outubro de 2013, o primeiro contato com os administradores. No entanto, o contato com os interlocutores teve seu início em janeiro em 2014. Em nenhum momento, os administradores permaneceram presente nos diálogos com os internos. O trabalho de campo foi finalizado em janeiro de 2015. O contato passou por diferentes momentos, que foram contínuos durante as primeiras semanas, passando, na sequência, para contato quinzenais, tornando-se mensais no final do processo. Isso de certa forma preparou o grupo para o afastamento da pesquisadora.

Portanto, a presente dissertação estuda envelhecimento, tendo como interlocutores idosos em contexto asilar do município de Santiago - RS, que residem na Sociedade Assistencial Santa Isabel, conhecida pela população como asilo. A duração da pesquisa face-a-face foi de um ano, sendo realizada por uma etnografia na qual se buscou compreender os processos interativos dos idosos. A dissertação está organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo situará o leitor na questão de tempo e espaço sob os quais foi realizada a pesquisa. Para tanto, será apresentada uma descrição do espaço físico da Sociedade Assistencial Santa Isabel e serão abordados aspectos da inserção do grupo. A pesquisa foi desenvolvida com os idosos, mas também com outros internos que não têm 60 anos, ou seja, não pertencem à categoria idoso. Isso porque a relação dos idosos com eles é de extrema importância, pois fazem parte das suas relações de afeto, de sua rede de sociabilidade.

O segundo capítulo tem como objetivo entrelaçar a teoria e a prática etnográfica na Sociedade Assistencial Santa Isabel, lembrando e, muitas vezes, enfatizando algumas teorias sobre o envelhecimento. Nesse capítulo, buscar-se-á fazer uma breve revisão de como esse tema está sendo trabalhado na área da Antropologia, procurando salientar grandes nomes dessa temática em âmbito nacional, como Alda Britto da Motta (2006), Guida Grin Debert (2012), Myriam Moraes Lins de Barros (2006), Clarice Peixoto (2006), entre outros.

O terceiro capítulo é uma apresentação dos dados de pesquisa. Podemos dizer que é o coração da dissertação, pois é nesse momento que os dados e todo o esforço intelectual são expostos para serem interpretados. Na apresentação da etnografia, serão ressaltados os atores da pesquisa, em trechos de algumas entrevistas, bem mais do que foram apresentados nos capítulos anteriores.

“Viver é envelhecer, nada mais”.
Simone de Beauvoir

CAPÍTULO I

UMA ETNOGRAFIA ENTRE E COM ASILADOS NO MUNICÍPIO DE SANTIAGO - RS.

O primeiro capítulo tem como objetivo apresentar o espaço no qual este trabalho foi desenvolvido e, dessa forma, proporcionar ao leitor uma demonstração sobre o ambiente e os interlocutores da pesquisa. Torna-se necessário, também, realizar uma explanação sobre a metodologia utilizada.

1.1 Algumas considerações sobre o método etnográfico

Para que se possa alcançar o objetivo proposto pela pesquisa referente ao objeto, a saber, um estudo etnográfico entre idosos asilados no município de Santiago-RS, utilizou-se uma metodologia de abordagem etnográfica.

De fato o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, **sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado.** A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e os sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto, recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, às entrevistas não-diretivas, etc. (ECKERT, 2008. p. 1, grifo meu).

Pretendo descrever, por meio da etnografia, as estruturas significantes dos fenômenos encontrados nas observações, nos diálogos e em algumas entrevistas. Para o desenvolvimento do estudo, a pesquisa tomará como base os conhecimentos da Antropologia interpretativa alicerçada na etnografia. Geertz (2008, p. 4), ao

abordar a prática etnográfica, aponta que a sua definição está no esforço intelectual para elaborar uma descrição densa.

O importante na descrição minuciosa etnográfica não é somente o espaço físico; ela tem a sua base em uma descrição do grupo pesquisado, na maneira de interação, nas suas estruturas, tomando emprestado o exemplo de Geertz (2008) sobre o diferenciar as piscadelas. Esse é o esforço do pesquisador e é nesse esforço que se desenvolve a pesquisa etnográfica, o olhar sobre o grupo, a compreensão das atitudes e, por fim, a relação desses dados com a teoria. Buscou-se, através de conversas e entrevistas com os idosos e outros internos residentes na Sociedade Assistencial Santa Isabel, compreender como eles percebem-se como atores dentro da instituição, como eles percebem e aprendem os processos de interação da instituição.

Ressalto então que, para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica, há uma relevância em se estar atento ao “olhar, ouvir e escrever”, pois estes desenvolvem e fazem parte do trabalho do antropólogo em campo. Em relação ao olhar e ouvir, os quais seriam, de acordo com Cardoso de Oliveira (2000), a primeira etapa da pesquisa, ambos estariam “devidamente sensibilizados pela teoria disponível”. Ainda, conforme Cardoso de Oliveira (2000), o olhar e o ouvir serviriam como muletas para o pesquisador.

Em relação ao escrever, faz parte da segunda etapa, na qual se deve estar distanciado do campo, é o momento em que se vai cumprir a mais alta função cognitiva, entrelaçar o conhecimento de campo com os estudos acadêmicos. E, conforme Geertz (2008), vai se buscar o que é possível de interpretar nos relatos etnográficos, ainda que as interpretações sejam sempre de segunda ou terceira mão, já que a descrição etnográfica é interpretativa. Sua interpretação é do discurso social e deve ser microscópica. Essa interpretação deve salvar o dito em um discurso de uma maneira que se torne pesquisável, fazendo isso com o uso de uma observação participante:

A observação participante implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para "negociar" sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa. **O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não num único momento** (WHYTE; WILLIAM FOOTE, p. 320, grifo meu).

Assim, é possível contemplar o que, de acordo com Magnani (2009), é o olhar de perto e de dentro, para se ter um olhar mais detalhista, buscando chegar ao plano do modo de vida dos atores sociais. Então, se buscou realizar esse olhar através do método etnográfico, o qual é a base da formação do antropólogo:

Já o método etnográfico é a base na qual se apoia o edifício da formação de um(a)antropólogo(a). A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ECKERT, 2008, p. 2, grifo meu).

Em relação às questões de ordem ética, as quais farão parte de todos os processos desta pesquisa, inicialmente, estão relacionadas e baseadas no Código de Ética dos Antropólogos, que está disponível no site da Associação Brasileira de Antropologia². A maneira de conduzir uma pesquisa deve ser de modo ético, sendo que a ética está relacionada com a conduta do pesquisador em relação aos seus pesquisados, com a responsabilidade assumida com seu escrito, bem como com a maneira que o pesquisador interage com seus informantes.

As informações, bem como as entrevistas, antes de serem coletadas, tiveram sua finalidade esclarecida aos informantes: seriam utilizadas para uma pesquisa que resultaria em uma dissertação de mestrado. Também era informado o tempo do desenvolvimento da pesquisa. Quando foi utilizado o gravador ou registro fotográfico, fora pedido permissão aos sujeitos para registrar falas e imagens, e o aceite era informado à instituição. Todos os nomes utilizados na dissertação são fictícios e foram escolhidos pelos próprios entrevistados.

Apesar de os internos me reconhecerem como pesquisadora, eles me tratavam como visitante, no sentido de me recepcionarem e me conduzirem no asilo tal como algumas pessoas apresentam a sua casa a um visitante. Eu sempre fui uma figura visitante, possuía o rótulo de visitante, mesmo que, em diversos momentos, frequentasse a instituição diariamente. Porém, para além de visitante, existiram outros vínculos de afeto, visto que os idosos que se encontravam em situação asilar, de certo modo, criaram um laço de amizade e afeto com a pesquisadora. Além disso, eles se encontram em uma circunstância de vulnerabilidade, a qual requer cuidado e exige tempo e dedicação da pesquisadora.

² <http://www.portal.abant.org.br/index.php/institucional/codigo-de-etica>.

É um trabalho composto por paciência e precisa ser contínuo, para que os idosos asilados não sintam a ausência da pesquisadora. A maior permanência no asilo só foi possível em períodos em que o currículo do mestrado não previa disciplinas, pois a pesquisa requeria um deslocamento de município. Por isso, foi tomada a decisão de fazer os estudos de campo durante o recesso das aulas do mestrado, no período de janeiro a março de 2014. Depois continuaram as visitas mais distanciadas geralmente, com espaçamento de, no máximo, 15 dias.

A experiência de campo é sempre algo diferente, composto de muito aprendizado. Mesmo já entrando em campo com embasamento teórico sobre o tema, ele nunca é suficiente, nunca pode ser comparado ao contato com as pessoas, afinal, cada ambiente tem suas peculiaridades. Na Sociedade Assistencial Santa Isabel, não foi diferente: o entrar, o transitar e perceber como eles convivem fazem parte de momentos distintos na pesquisa.

Algumas vezes, fiz o lanche da tarde com o grupo, compareci a festinhas, acompanhei missas e cultos, sentei em rodadas de chimarrão, ouvi desabafos dos internos e funcionários, acompanhei aulas de alfabetização para os idosos, dentro do asilo. Também convivi com algumas pessoas que não eram daquele espaço asilar e que me observavam atentamente, como, por exemplo, as que estavam no asilo devido à ordem judicial para cumprimento de pena com serviço voluntário. Ouvi, inúmeras vezes, de pessoas que circulavam temporariamente no ambiente, que não era conveniente eu beber ou comer nos copos ou pratos que os internos do asilo usavam ou ir ao banheiro. Quando eu chegava, abraçava e beijava as idosas com quem eu tinha um contato mais contínuo, e esse ato de afeto estava se estendendo a cada contato com outras idosas. Claro, nem todos os idosos eram cheirosinhos, havia uns que não gostavam de se pentear e tentavam “pular” o banho. Mas sentir cheiro de falta de banho ou cheiro de xixi nos quartos faz parte do campo, assim sentir o cheiro da limpeza durante a manhã e a boa vontade e o carinho de alguns funcionários. Também faz parte do campo conviver com o mau humor e os olhares atravessados certos outros funcionários.

Sobre as minhas vestimentas, muitas vezes, ouvi dos meus familiares, antes de sair de casa: “você vai ir assim? Sem nenhuma maquiagem?” O “assim” se referia às roupas, a um tênis e uma camiseta. Saindo sem um “lápiz no olho e sem aquela maquiagem”, que acredito ser essencial. A minha opção em trocar a minha vestimenta comum por uma roupa mais confortável, mais fechada, com camisetas

compridas, está relacionada ao fato de entender que o salto ou uma blusa mais aberta não seriam adequados para o lugar. Isso tudo se confirmou, pois percebi como os idosos tratavam as senhoras da alta sociedade (termo usado por elas para se apresentarem). Então, com a convivência, passei a observar que os internos não tratavam com muita receptividade as mulheres que estavam em seus saltos distribuindo bolachinhas para eles.

Em alguns sábados à tarde, tive contato com algumas dessas senhoras com suas vestimentas elegantes e com seus sapatos de salto alto, bem maquiadas. Intitulavam-se da alta sociedade e me interrogaram: “Quem é você?” Com toda a paciência expliquei a minha pesquisa. Claro, elas criticaram; disseram que a mesma não teria validade nenhuma. Eu apenas sorri e observei que elas distribuíam bolachas e mencionaram, na frente dos idosos da roda de chimarrão, que estavam fazendo a distribuição de bolachas por elas, que tal atitude era geradora de um bem enorme para elas. Observei o olhar e as caretas que as idosas lançavam para essas senhoras, aquele olhar de indiferença por aquela atitude de distribuição de bolachas e por aquela fala, afinal, tinha bolacha diariamente no asilo. Muitas idosas não pegaram a bolacha, mas agradeceram educadamente. Nesse momento, percebi que todas aquelas vestimentas realmente eram um fator de afastamento. O asilo é um local no qual se vive com simplicidade, e a maioria dos internos tem baixo poder aquisitivo.

Percebi que havia vários grupos e que cada grupo ocupava um diferente espaço no pátio, sendo sempre o mesmo grupo que estava sempre no mesmo espaço. A minha inserção começou com o grupo que frequentava aulas de alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), ministradas alguns dias da semana. Aos poucos o contato foi se estendendo aos demais internos. No entanto, não consegui alcançar a todos os grupos de internos, principalmente os grupos masculinos. Os homens que se tornaram meus interlocutores eram os que tinham mais proximidade com as internas com as quais consegui ter relação desde o início da pesquisa.

1.2 Sociedade Assistencial Santa Isabel como cenário para pesquisa antropológica

A Sociedade Assistencial Santa Isabel foi fundada em 1930. O nome da instituição está vinculado à religião católica, pois, segundo Loureiro (1956), Santa Isabel da Hungria teria nascido em 1271, na cidade de Saragoça. Era filha do príncipe real D. Pedro de Aragão e de sua esposa, a virtuosa princesa D. Constança, filha de Manfredo, rei de Nápoles e da Sicília. O seu casamento a faz pertencer à corte de Portugal. “No meio dos aplausos das cortes de Portugal e Aragão, celebrou-se o casamento com todo o esplendor na nobre e antiga cidade de Barcelona a 11 de fevereiro de 1282” (BISPO, 1988, p. 13).

A rainha Isabel se caracterizava por três lemas: Piedade, Pureza e Justiça. A fama da bondade de Isabel percorreu todo o reino. Em toda parte comentavam-se os atos da grande rainha. E os pobres acorriam em verdadeiras legiões aos jardins do palácio. Tudo que a rainha tinha, dava aos pobres. Descia com o avental cheio de moedas de prata, que distribuía a quem precisava (LOUREIRO, 1956, p. 39).

Santa Isabel é representada como uma mulher que carrega pães ou rosas no seu manto ou, ainda, como a santa que usa coroa de princesa. A instituição tem seu nome vinculado a essa santa, pois a família que doou o terreno e ajudou na construção era devota da Santa Isabel.

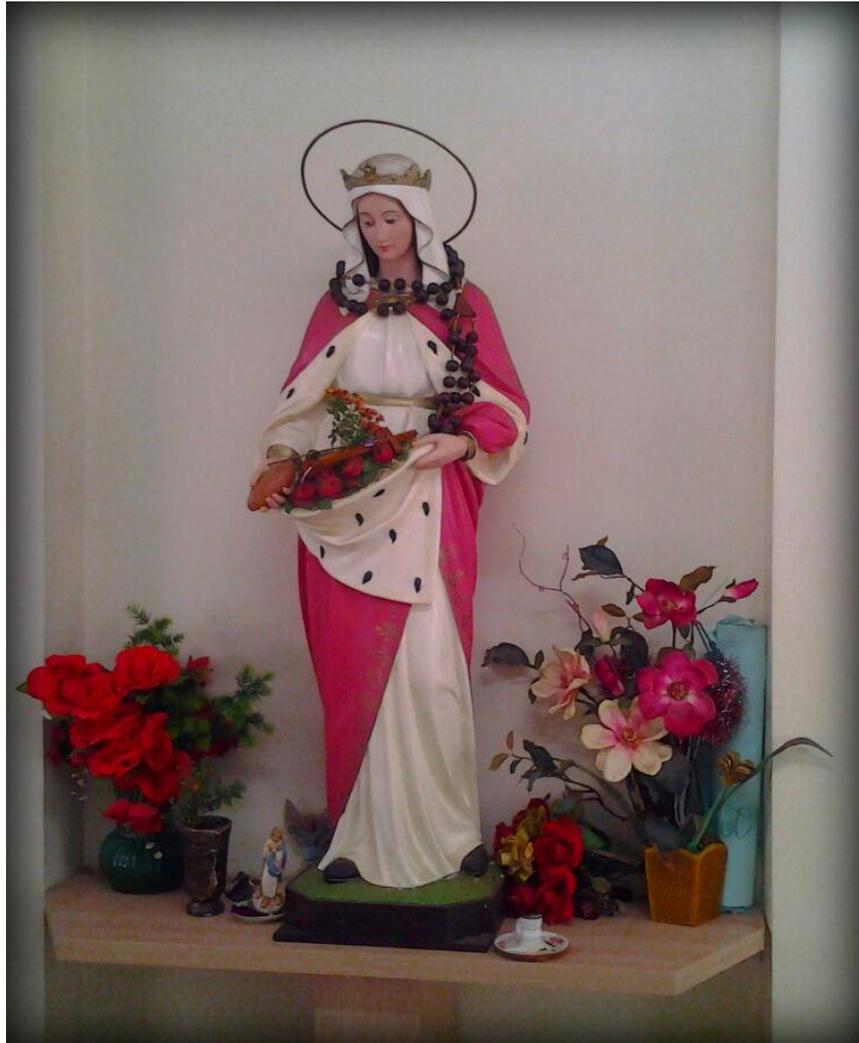


Figura 1 – Fotografia da Santa Isabel no refeitório.

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

A Sociedade Assistencial Santa Isabel tem limite máximo para abrigar 72 pessoas, contando com 71 (41 homens e 30 mulheres), na época da pesquisa. Esse número é oscilante, pois alguns asilados vêm a falecer ou chegam novos internos.

A partir de suas idades foi desenvolvido um gráfico, com objetivo de demonstrar as faixas etárias dos internos, mulheres e homens. Então, foi possível perceber que se tem mais mulheres na faixa etária de 71-80 anos, com uma totalidade de 11 internas. As mulheres também apresentam maior longevidade, com quatro internas na faixa etária de 81-90 anos e com uma centenária de 105 anos. Os homens se apresentam em número expressivo na faixa etária de 71-80 anos, com um total de 15 internos. Ambos os sexos apresentam número significativo na faixa etária de 71-80 anos.

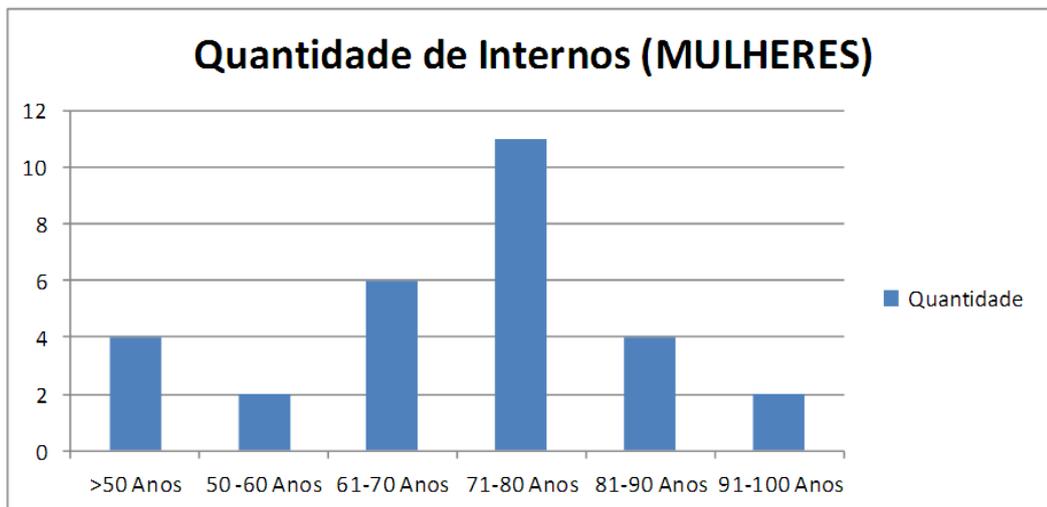


Figura 2 – Número de Internos/mulheres, por faixa etária

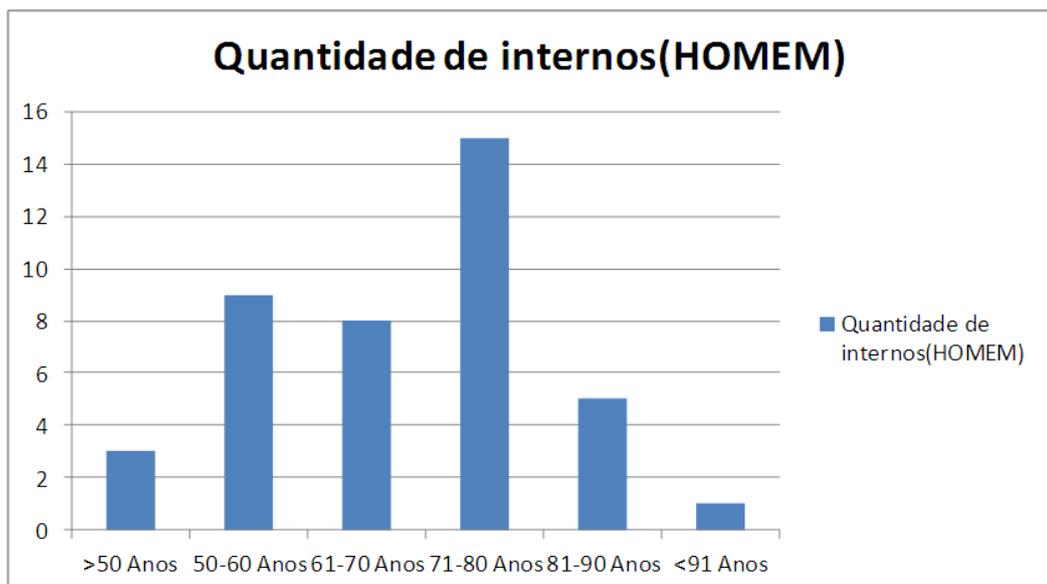


Figura 3 – Número de Internos/homens, por faixa etária

A Sociedade Assistencial Santa Isabel não é considerada uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). No entanto possui algumas características de ILPIs, sendo residência de um número significativo de idosos. Entende-se ILPI “como uma residência coletiva, que atende tanto idosos independentes em situação de carência de renda e/ou de família, quanto aqueles com dificuldades para o desempenho das atividades diárias, que necessitem de cuidados prolongados”

(CAMARANO, 2010, p. 234). A ANVISA (2004) aponta como o objetivo das ILPIs “assegurar as condições mínimas de funcionamento das instituições de atendimento ao idoso com idade igual ou superior a 60 anos”.

A Sociedade Assistencial Santa Isabel não abriga somente pessoas acima de 60 anos, também abriga pessoas de faixa etária inferior a 60 anos. Sendo que a idade dos internos oscila entre 22 e 105 anos. Os sujeitos com idade inferior a 60 anos acabam residindo na sociedade assistencial por incapacidade física e/ou por serem pessoas com necessidades especiais que não possuem familiares que deem assistência a elas. Dessa maneira, a associação assume um caráter que vai além do de um abrigo:

O envelhecimento da população e **o aumento da sobrevivência de pessoas com redução da capacidade física, cognitiva e mental** estão requerendo que os asilos **deixem** de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde, ou seja, ofereçam algo mais que um abrigo (CAMARANO, 2010, p. 233, grifo meu).

A instituição, contudo, não se destina apenas aos cuidados com idosos, pois ela passou a ter um caráter de residência coletiva para diferentes faixas etárias e até, muitas vezes, de albergue para grupos indígenas de passagem pelo município.

A divisão do edifício por alas masculina e feminina não existe. Tem-se o cuidado para que o subsolo seja somente para os internos homens, no entanto, o andar superior é destinado para ambos os sexos, ainda que cada dormitório seja ou somente masculino ou somente feminino.

No subsolo há um dormitório destinado ao albergue municipal, o qual a prefeitura mantém com um custeio financeiro mensal e também ajudando o asilo com produtos alimentícios. Quanto ao uso do albergue, ele deve ser feito com um cadastro e agendamento prévios. Além do albergue, o asilo acolhe os grupos indígenas durante épocas festivas, como Páscoa e Natal. Quando esses grupos estão na cidade, eles ficam no saguão do subsolo, em uma área coberta.

A manutenção do asilo se dá por meio de benefícios dos internos e de doações da comunidade, além da ajuda da prefeitura para custear o albergue municipal que fica dentro do asilo, ocupando um de seus dormitórios. Trago trecho de uma entrevista com o administrador sobre os gastos e custos para manter a instituição:

A maior parte dos internos tem o benefício social ou aposentadoria ou pensão [...] Grande parte dos cartões está conosco porque a família não quer ficar curadores. Eu sou 3, o Gerenciador mais 3 e outra funcionária de 2. Eu sou curador de três, então não tem né, para lá, para cá e o juiz pede prestação de conta [...] Daí prestamos conta do dinheiro deles, então esse dinheiro fica, o que diz o estatuto do idoso, 70% pode ficar com a instituição de longa permanência e 30% reverte para ele. Outros a família recebe o dinheiro e nos traz, e a família faz questão de nos trazer todo o dinheiro, não fica com 30%. Como tem famílias que nos pagam mais que o salário mínimo [...]. O recurso é pouco! Se tu em casa com salário mínimo não consegue se alimentar direito e nem comprar os remédios, tu imagina nós aqui que damos médico e remédio, que o remédio, a rigor, o SUS deveria dar, só que o SUS dá 60 a 70% da necessidade de remédio, porque os nossos tomam toda a medicação prescrita, toda! Comprar o que não vem na secretaria e fornecemos toda a medicação. Fornecemos o que falta [...] então gastamos em fraldas [...], mas o maior gasto nosso é com a folha de pagamento [...] **Daí tu pega 60 internados que recebam 700 reais da 42 mil e gastamos 30mil** só com folha de pagamento. Esse mês tem a reforma das máquinas da lavanderia que é um gasto extra. Se ganha bastante coisa, então isso vai administrando, por ai né (Entrevista, administrador, em dezembro 2014).

Os detalhes específicos da folha de pagamentos, como gastos com alimentação, remédios, fraldas, gás, luz, água, produtos limpeza, foram abordados durante a conversa com o administrador. Porém entendo que esses gastos, que são significativos para manutenção da instituição, não precisam ser detalhados nesta dissertação, pois o seu foco é a sociabilidade.

A instituição não é filantrópica, mas assume o caráter de utilidade pública municipal. Pergunto para o administrador: “Por gentileza, poderia falar um pouco sobre o caráter filantrópico? Ela teria caráter filantrópico?”.

Não, nós somos de utilidade pública municipal, sem fins lucrativos. Nós né, não temos o título de filantropia, que nos até encaminhamos em uma oportunidade lá para Brasília, então passou uns seis meses e nos devolveram. Daí eu desisti, agora tem grupo aí, os amigos estão falando de novo! Daí eu digo, olha, não vou correr mais atrás de papel para filantropia! Eu tenho tudo em ordem, tenho a contabilidade, tenho os alvarás sanitários, tenho o alvará da prefeitura, tenho o alvará dos bombeiros, tudo em dia. O espelho da burocracia tá ali (apontou com a mão os alvarás na parede do escritório), tá tudo em dia, isso tudo está disponível para quem quiser se dedicar a juntar papel para mandar para a filantropia. Eu não vou fazer mais! Eu tenho mais de 70 anos, faz 15 que estou aqui, tô querendo mais ir embora (risos discretos do administrador) [...] *Pergunto: mas teria tudo para ganhar a filantropia?* O que eu percebi em 97, em que encaminhamos, é que eles não dão importância porque somos muito pequenos [...] somos pequenos e estamos muito longe, esta é a conclusão a que eu cheguei! [...] Então, nós temos a utilidade pública municipal, somos uma entidade sem fins lucrativos e, com isso, não se paga tributos municipais e nem tributos estaduais e federais. O que nós pagamos são as leis sociais completas que quem tem o título de filantropia não paga a contribuição do empregador de 12%, o que representaria hoje, para nós, uns 5 mil reais por mês, daria (Entrevista, administrador, em dezembro 2014).

Parte dos proventos oriundos dos internos (cerca de 30%) é utilizada para pequenas compras no mercado que fica na esquina do asilo ou no caminhão que para todas as quintas-feiras, na frente do asilo, para comercializar frutas, leite, doces, ovos, cucas e outros produtos coloniais.

O número de funcionários é de, no total, vinte e duas pessoas, sendo três técnicas em enfermagem, duas cozinheiras e uma enfermeira. As outras dezesseis pessoas trabalham com serviços gerais, limpeza e lavanderia. Voluntários são poucos, geralmente oriundos de casos sentenciados por juízes ou estagiários que ficam uma semana para cumprimento de horas acadêmicas.

Sobre o fluxo de visitas, tem-se horário estabelecido. De acordo com o gerenciador, muitos recebem visitas, mas há os que foram abandonados por seus familiares. Segue trecho de entrevista com o gerenciador na qual ele aborda os horários de visita e as visitas que os internos recebem:

Tem um cartaz que tem um horário das nove e meia às onze e trinta, das duas às cinco, mas isso aí, seria por que nós tivemos que fazer isso aí, porque tinha uma época que vinha muitas pessoas, onze e meia ou meio-dia, um horário que nós tava dando comida, né (breve pausa). Então, a gente faz troca dele, coloca na cama, e daí fica aquele constrangimento de gente circulando aqui dentro, que aquilo que gente que sem querer acaba atrapalhando mais do que ajudando. E, que nem, nove horas, antes das nove, se não veio trabalhar, veio fazer o que? Porque nós tem que chegar aqui, dar banho neles, dar café, vai circular ali quando tão fazendo a limpeza, olha ali tão terminando a limpeza, já dá para circular. Antes tem água e lavado de água escorrida e tem pano e balde, e pessoas passando atrapalha, porque as funcionárias têm que trabalhar. Olha, trabalhá com esse número de gente não é fácil [...]. **Sobre a visita de familiares, vêm bastante, tem um ou dois, ou uma meia dúzia, que não têm ninguém por eles. Mas, no resto, mais vem, tem gente que vem quase todos os dias ou duas, três vezes por semana. Ahh, tem aquelas famílias que tem mais achego e outros não né, mas é** (Entrevista, gerenciador, em junho de 2014).

Desde a primeira inserção, fui informada de que deveria chegar depois das nove horas da manhã, pois, nos horários anteriores, os funcionários cuidam da organização e da higiene de alguns internos. Sobre a permanência durante os horários de almoço, nos quais a instituição não permite a circulação de pessoas que não trabalham no asilo, o gerenciador permitiu a minha permanência, bem como após as 17h, horário em que encerra o tempo de visitas.

A Sociedade Assistencial Santa Isabel é conhecida e reconhecida entre seus internos e pela população do município como “asilo”. “Asilo é um termo carregado de estereótipos negativos. Lar dos Velhinhos, Jardim ou Casa de Repouso são

expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória, presente na palavra asilo” (DEBERT, 2012, p. 136). No entanto, a Sociedade Assistencial Santa Isabel é intitulada pelos próprios residentes como asilo e conhecida pela população também por essa designação. Sendo assim, uso a palavra asilo ao me referir à Sociedade Assistencial Santa Isabel, pois é algo utilizado pelos próprios internos. É possível observar o uso e significado da palavra asilo nas palavras do gerenciador que seguem:

Já foi chamado de asilo, e até hoje chamam de asilo, é um apelido que foi colocado, e ficou, né. É um asilo, né. É a intenção de ser um asilo. Então, isso pra mim é uma casa que cuida de idoso, é claro que cuida de idoso, é um asilo [...]. Antigamente, tinha muito preconceito com isso, aí. Ah, asilo tava lá, o pessoal mal cuidado, hoje nós temos a estrutura para cuidar e temos as exigências, porque a sociedade nos cobra, que nós tratamos bem, damos conforto pra ele. Então, no momento que passou a ter conforto, um bom cuidado, deixa de ter aquele preconceito que as pessoas tinham (Entrevista, gerenciador, junho de 2014).

Em relação à classificação dos internos como idosos ou não idosos, “o momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontram, em parte alguma, “ritos de passagem” que estabeleçam um novo estatuto” (BEAUVOIR, 1990, p. 9). Segundo a legislação, são consideradas idosas “pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. É possível indagar, para considerar um indivíduo velho, se a aposentadoria poderia ser um rito de passagem.

A Previdência oferece **quatro tipos** [...], a aposentadoria por idade, por exemplo, é concedida aos homens com 65 anos de idade e às mulheres com 60 anos. **Os trabalhadores rurais** do sexo masculino se aposentam por idade aos 60 anos e as mulheres, aos 55 [...]. **Aposentadoria por tempo de contribuição**, são necessários 35 anos de contribuição para o trabalhador do sexo masculino e 30 anos para as mulheres. [...] **A aposentadoria por invalidez** é concedida quando a perícia médica do INSS considera a pessoa totalmente incapaz para o trabalho, seja por motivo de doença ou acidente [...] (Ministério da Previdência social, 2004, online).

Mediante essa perspectiva, é possível perceber que os quatro tipos de aposentaria, em sua maioria, priorizam o tempo como marcador, na questão da idade ou do tempo de trabalho, com exceção dos casos de invalidez. Mas ser aposentado e não estar mais dentro do mercado de trabalho não significa ser velho. A aposentadoria até pode ser um rito de passagem legítimo para algumas pessoas,

porque realmente muitos indivíduos, ao se tornarem aposentados, acabam identificando-se como velhos.

[...] aposentados e pensionistas vêm se constituindo em atores importantes no processo político atual e o que esse novo movimento social tem revelado a respeito da situação dos velhos na sociedade brasileira contemporânea. Tentarei **mostrar como os aposentados, identificados majoritariamente como velhos** – uma categoria aparentemente “marginal” e circunstancial ao domínio das relações privadas - tornaram-se uma espécie de “corporação”, com interesses específicos, demandas próprias e formas de atuação no espaço público (SIMÕES, 2006, p. 14).

No entanto, é necessário pensar na pluralidade ao refletir sobre velhice. Nem todos os aposentados se consideram velhos e, de acordo com Debert (2012, p. 18), “A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que, por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo”.

Dessa forma, não é possível compreender a aposentadoria como rito de passagem para ser velho. Como pode se definir/identificar um velho? É importante lembrar que essa classificação requer um recorte que abrange questões biológicas e sociais:

A velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem “velhices”; o que significa que não existe velho, existem velhos; “velhos e velhas”, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 78).

No caso do asilo em questão, a maioria dos seus internos são aposentados, mas nem todos estão aposentados por sua idade cronológica. Há no asilo aposentados por doença ou acidente. Então, existe uma grande diversidade de faixas etárias ou seriam diferentes gerações? O conceito de geração é algo discutível dentro das Ciências Sociais.

Em relação à geração, podemos pensar, conforme Attias-Donfut (1988) apud Britto da Motta (2004, p. 350), que, dentro da análise científica, o termo tem sido sintetizado em três perspectivas ou sentidos: “coortes”, “grupos etários” e, por fim, “gerações”.

A coorte é mais utilizada por pesquisas de base quantitativa, estatísticas ou demográficas, sendo “um conjunto de indivíduos nascidos num mesmo intervalo de tempo, expostos a um determinado evento de caráter demográfico” (BRITTO DA

MOTTA, 2004, p. 350). Em relação aos “grupos etários”, Britto da Motta (2004) diz que pertencem ao viés antropológico:

A tradição antropológica é responsável pela segunda acepção, que se expressa basicamente em termos de idade de grupos etários, categorias de idade, classes de idade etc., e se refere **quase** sempre, à filiação, guardando **um sentido ou uma função classificatória** que inclui tanto as posições na família como na própria organização social mais ampla (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 350, grifo meu).

Em relação ao último termo, geração, seria um termo utilizado mais pela Sociologia: “designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, tem aproximadamente a mesma idade e **compartilham alguma forma de experiência ou vivência**” (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 350). Penso que a vivência em um mesmo tempo e espaço e o compartilhamento de mesma experiência em um ambiente, de certa forma fechado de contato externo em uma instituição total³, faz com que esse encontro de idades não se torne saliente e nem revele grande diferenciação.

Dessa forma, compreendo a noção de geração de um modo muito particular, no entanto, coerente com esse espaço sob o qual a pesquisa foi desenvolvida, ou seja, pensar a noção de geração como uma identidade, no sentido utilizado por Cardoso de Oliveira (2000). A identidade social dos internos estaria relacionada ao processo de identificação do grupo social, neste caso, o grupo asilar. Dessa forma, a identidade pessoal estaria interligada à identidade social asilar.

Assim, fica claro que a Sociedade Assistencial Santa Isabel não desempenha o papel de cuidar apenas de uma população de faixa etária acima de 60 anos ou de uma geração em específico, mas possui o papel de residência para grupos em situação de vulnerabilidade:

[...] decodificação do conceito em: vulnerabilidade relacionada aos fatores estruturais da sociedade, que se refere à desigualdade de renda, educação e de acesso a serviços; vulnerabilidade relacionada aos aspectos fisiológicos e decorrente das relações de gênero na sociedade e a vulnerabilidade na esfera da significação que integra o conceito de risco e a maneira como se expressa, no imaginário social, além de seus diferentes significados através da história (PARIS apud SANCHEZ e BERTOLOZZI, 2007, p. 2-3).

³ Essa discussão será mais bem abordada mais adiante, ao associar a Sociedade Assistencial Santa Isabel com uma instituição total, a partir das concepções de Goffman (2010).

A vulnerabilidade dos internos esta relacionada a desigualdade de renda, acesso a serviços de saúde e ausência de familiares, tanto do idosos quanto dos demais residentes da instituição, os mesmos buscam esta moradia devido essas questões e algumas idosos que não estão na instituição pela vulnerabilidade mencionaram que residem no asilo, devido aos amigos que formaram e assim estariam, fugindo da solidão que viviam fora da instituição.

Durante o decorrer da pesquisa, ocorreram conversas informais com os diferentes moradores, visto que era de extrema relevância conhecer os atores sociais daquele espaço sem fazer uma distinção por idade, pois eles próprios não fazem essa diferenciação tendo como base a idade cronológica. As distinções existentes nesse ambiente asilar, geralmente, estão relacionadas às capacidades corporais. Então, todos eles se reconhecem e são reconhecidos como os moradores do asilo.

1.3 “Abre o portão”: conhecendo a Sociedade Santa Isabel.

Percebi algo hoje: o portão é aparentemente fechado, pois está sempre aberto para receber novos internos (Trecho do Diário Campo de 20 de dezembro de 2014).

A Sociedade Santa Isabel está localizada próximo ao centro da cidade e ao Hospital de Caridade de Santiago. Seus portões ficam fechados e somente podem ser abertos por meio de um controle remoto. Ao olhar para dentro, é possível ver um número grande de indivíduos sentados em cadeiras de plástico brancas ou em sofás, geralmente, com cuia e térmica⁴ em suas mãos. Ao continuar olhando, bem ao fundo, é possível visualizar uma área coberta, ao estilo de uma quadra de futebol com piso bruto, esse local é conhecido como pátio.

⁴ Cuia e térmica estão relacionados à bebida típica do Rio Grande do Sul, feita com erva-mate, o chimarrão. Na cuia, é colocada a erva-mate e, na térmica, fica a água quente.



Figura 4 – Fotografias da Sociedade Assistencial Santa Isabel.

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Atrás da “quadra” ou do pátio, está localizada a cozinha, na qual há janelas e uma porta. Na cozinha, ficam algumas funcionárias, as quais nem sempre são muito ágeis para abrirem o portão para quem chega. Gostaria de colocar neste trabalho uma foto da cozinha, obtive a permissão do Gerenciador, no entanto, as cozinheiras não ficaram à vontade com a máquina fotográfica. Entendo que, na cozinha, elas têm mais autoridade que o Gerenciador e respeitei o seu “não” para fazer registros fotográficos. Segue um trecho do meu diário referente à minha primeira ida a campo:

Cheguei e tentei abrir o portão e os velhos todos me olhando, pois estavam tomando chimarrão, sentados nas cadeiras que ficam no pátio, imediatamente começaram a falar que não era assim que era para abrir o portão, e começaram a gritar: “**PORTÃO**” e “**ABRE O PORTÃO**” e “**OLHA O PORTÃO**”. Então um dos rapazes (tinha bastante jovens naquele dia fazendo estágio) que estavam organizando os idosos no pátio, abriu o tal portão, e não foi manualmente, foi com um controle. Então, entendi porque os idosos gritaram, no momento que cheguei. Eram tantos internos que eu nem sabia de onde vinha tanto “oi” e olhares curiosos. Me direcionaram até o senhor **gerenciador**, um senhor bem



Figura 6 – Fotografias da Sociedade Assistencial Santa Isabel.

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Ao entrar pelo lado esquerdo da entrada principal, somente encontramos dormitórios e alguns banheiros. Há três portas de acesso ao pátio do lado direito,

onde se tem onze dormitórios e dois banheiros de uso coletivo e mais três banheiros dentro de dormitórios. Nesse lado, se localiza a sala de convivência, a qual possui vários sofás, uma lareira, um fogão e uma pia. Esse local serve para o preparo do chimarrão⁵. Cada um tem sua térmica e sua cuia, mas os internos fazem rodas de chimarrão, as quais, muitas vezes, não são bem uma roda, pois têm de um a três internos. No inverno, sempre encontrava idosos nessa sala, em momentos em que eles estavam reunidos para assistir à televisão, escutar músicas ou se aquecer na lareira, diferentemente do verão, em que a maioria ficava no pátio. Seguem imagens da sala de convivência e da planta baixa do lado esquerdo de quem chega pelo portão principal.

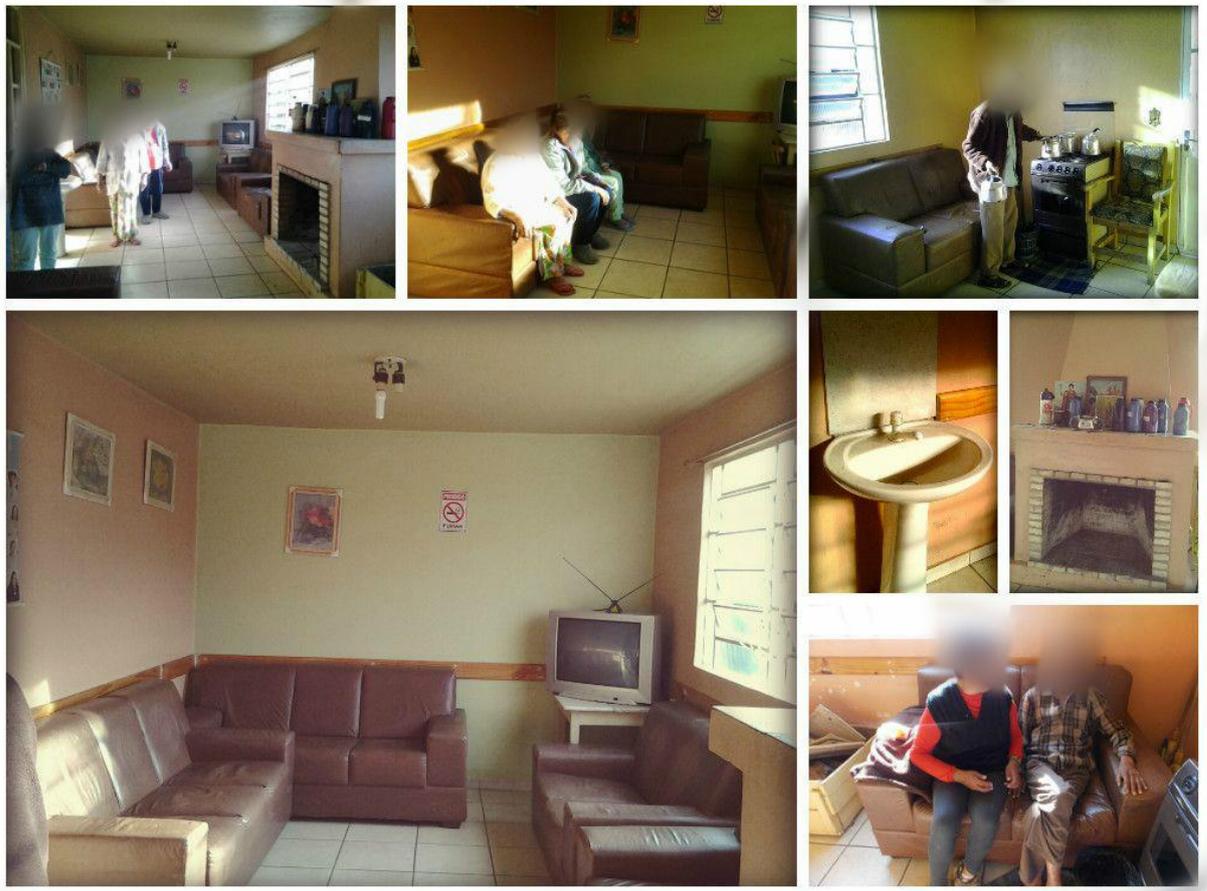


Figura 7 – Sala de convivência.

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

⁵ Chimarrão é uma bebida típica do Rio Grande do Sul.

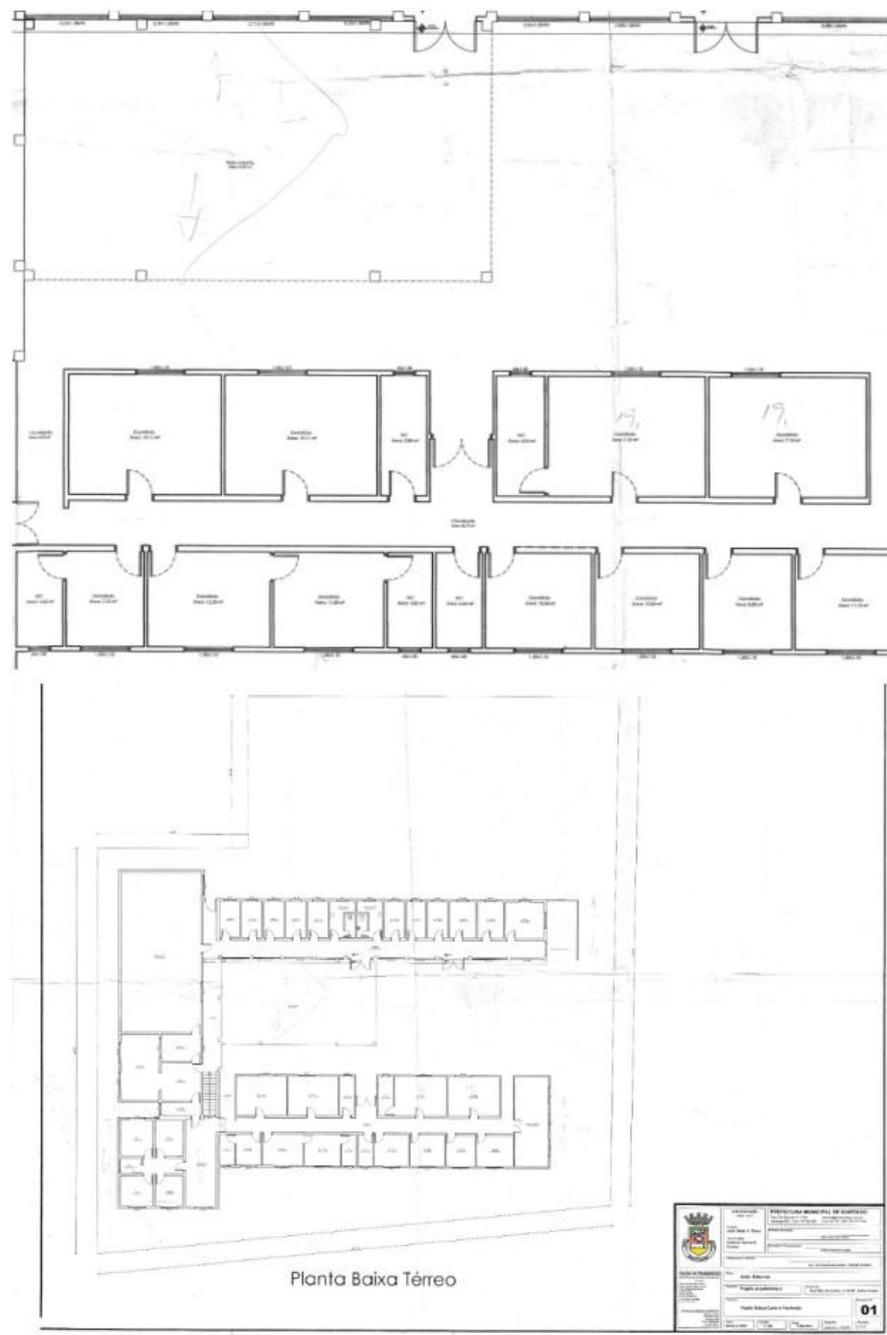


Figura 8 – Planta

No lado direito da entrada, denominado pavilhão Padre Assis, há onze dormitórios, dos quais oito são individuais, os outros são divididos, possuindo três banheiros, sendo que um está localizado em um dormitório, o feminino, e é dividido por três senhoras.

No final do corredor, chegamos a duas portas: uma dá acesso ao pátio e a outra dá acesso a uma peça na qual são feitas as refeições. Nela, há a imagem da



Figura 10 – Sala de refeição

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso.

A sala de refeições está interligada à cozinha por meio de uma porta. A cozinha é o local no qual ocorre o preparo das refeições, sendo utensílios pertencentes à cozinha um fogão, panelas e louças. Ela é utilizada apenas pelas cozinheiras ou na presença destas. Também a autorização para circular dentro da cozinha depende das cozinheiras.

Ao chegar ao final do corredor, encontramos a cozinha e uma escadaria com acesso ao subsolo. Ao descer a escadaria, nos deparamos com os dormitórios masculinos para os internos que não têm problemas para se locomover. A distribuição dos dormitórios de ambos os lados totalizam oito quartos, no entanto, em um dos lados, há mais dormitórios que no outro e se tem um dormitório destinado ao albergue.

O albergue foi um pedido da secretaria atual. Com muita frequência vinha gente aqui para pedir para se hospedar, e a brigada trazia, e a gente conversa muito com ela [...] Um dia ela teve a ideia de sugerir: quem sabem

tu deixa um quarto no asilo para o albergue e daí eu vou fechar o meu albergue, porque se via na época que a utilização do albergue era muito baixa, não dava na média de 10 pessoas no mês e a prefeitura tinha que manter uma estrutura móvel e funcionários 24 horas na limpeza e para atender o pessoal que ocasionalmente chegava. Isso claro ficava oneroso até porque se tratava de funcionário público que se tem horário para se cumprir fica mais oneroso ainda. Nessa condição que ela me pediu para que eu pusesse um dormitório dos nossos que ela me forneceria roupa de cama, colchões [...] daí um auxílio mais material gêneros [...]. Como nós tínhamos atendimento 24h ficou mais flexível. O albergue do município não chegou até 18:30, não adiantava chegar mais, ninguém mais atendia e nós não, 20h e 21h, de madrugada com a brigada [...], e os índios vêm, eles tacam colchão e ficam por aí, por causa do auxílio do albergue (Entrevista, administrador, dezembro 2014).

No outro lado do subsolo, nem todas as portas são de dormitórios, pois ali há uma peculiaridade: peças com algumas denominações distintas, todas separadas por paredes e portas, possuindo as seguintes denominações: “Toca de roupa velha”, peça destinada para as roupas usadas, antigas; “Toca do colchão”, peça destinada para colchões em bom estado de conservação; lavanderia velha, que está sendo usada para guardar produtos de limpeza; barbearia, peça na qual o gerenciador faz a barba de alguns internos; peça para guardar produtos alimentícios; peça para produtos de limpeza e “Toca de roupa nova”, que, nesse caso, não são roupas novas sem uso, mas roupas que chegaram recentemente ao asilo, por doação. Os internos não têm acesso livre a essas peças, elas são chaveadas. É importante salientar que, dos dormitórios femininos, nenhum é no subsolo. Segue a planta do subsolo:

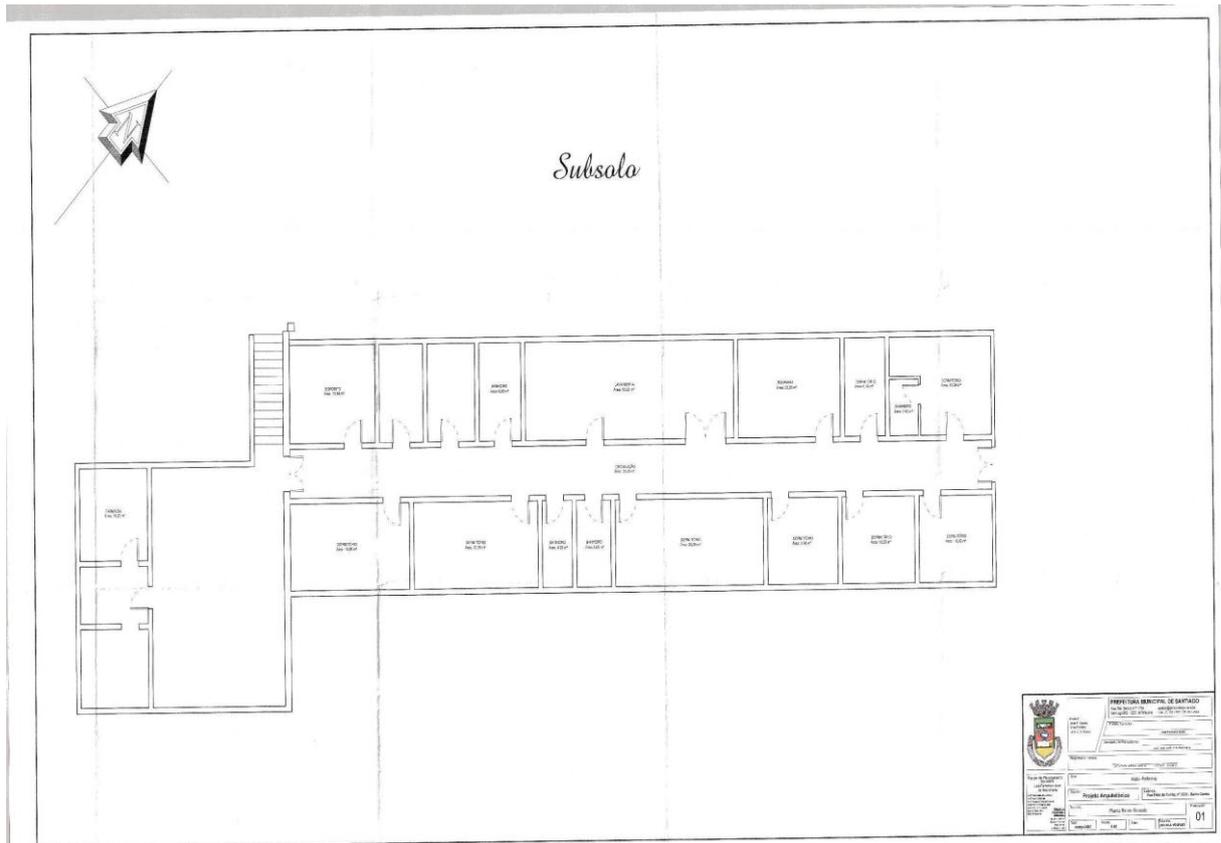


Figura 11 – Planta

1.4 A inserção com e entre o grupo de internos.

Em relação ao trabalho de campo, inicialmente, foi realizado por meio de diálogos com funcionários, em algumas poucas conversas: tiveram início em outubro de 2013, a partir de um telefonema, para depois ser mantido um contato mensal com os funcionários, geralmente por telefone, até o início de janeiro de 2014.

O primeiro contato foi com o gerenciador. Foi através de um telefonema e, nesse momento, me apresentei como mestranda da UFSM e falei que tinha interesse de conhecer e pesquisar no asilo. Senti uma certa insegurança em sua resposta, em relação à minha presença lá, então acionei o nome do meu pai que é uma figura conhecida no município, pois o mesmo tem loja comercial a mais de 20 na cidade. De certa forma, eu ter acionado o seu nome me legitimou a estar lá dentro do asilo. (Trecho do Diário Campo de 16 de outubro de 2013).

Inicialmente, comecei a observar as aulas de alfabetização que eram ministradas para os idosos. Foi através dessa sala de aula que o contato com os

internos tornou-se mais próximo e afetivo. O objetivo era iniciar a pesquisa de campo com os internos em janeiro de 2014, para uma maior compreensão do cotidiano asilar, visto que, nesse período, não há aulas presenciais no mestrado, então, eu poderia fazer visitas diárias. Desse modo, consegui ter uma noção do funcionamento global da instituição.

Os primeiros contatos foram somente com o gerenciador e com alguns dos funcionários. Somente no terceiro encontro consegui começar a interagir mais proximamente com os idosos. Antes, perguntei ao gerenciador com qual deles seria melhor eu conversar, visto que havia muitos internos que “não tinham lucidez”. Como resposta, obtive: “daí tu vai ter que ver qual te serve”. Seguem trechos do diário de campo sobre o entrar em campo:

Hoje foi o dia que vai se retomar o contato ou recomeçar definitivamente o campo, pois, até então, eu só havia pedido a permissão, explicado o desenvolvimento da pesquisa para o gerenciador. Então, agora, de “férias” ou, como digo, as pseudoférias da pós-graduação, poderia ter uma inserção contínua, o que me facilitaria o contato com os idosos, pois entendo eles como um grupo vulnerável, que não se pode ter uma aproximação afetiva e, logo em seguida, um afastamento.

Entrar em campo gera um pânico literalmente, parecia que esqueceria como fazer a etnografia, estava com um frio na barriga de medo, uma certa insegurança, que não é desagradável, pois é um campo novo com interlocutores diferentes, sendo que em cada campo se tem uma perspectiva diferente de aprendizado, é exercitar o aprendizado acadêmico e relembrar o tempo da iniciação científica, enfim, a construção de uma trajetória acadêmica sendo colocada em prática. E toda essa tensão ou agitação é comum diante de algo novo.

Antes de sair de casa, fiz, digamos, um ritual, o qual vai se repetir em todas as minhas idas a campo: retirar minhas pulseiras, brincos, anéis e maquiagem e colocar uma vestimenta que eu acho ser mais adequada, sem decotes e roupa que fosse justa[...]. Também anotei algumas perguntas, então saí decidida a fazer 10 perguntas para os funcionários, achei que seria um acesso interessante, como se as atitudes fossem previsíveis dentro de campo.

Ao chegar lá, falei com o gerenciador, que falou que seria melhor falar com os funcionários nos intervalos de trocas entre dos mesmos, momento de insegurança, pois havia elaborado questionário para os funcionários e não para trabalhar com os idosos. Então, naquele momento pedi para observar os idosos e perguntei, como havia falado Claudia, sobre os idosos mais lúcidos, retomei o questionamento sobre a lucidez dos internos ao gerenciador, que me respondeu que seria melhor eu mesma ir conversando com eles e vendo qual me servia ou não (Trecho do Diário de Campo de 27 de janeiro de 2014).

Olhei para o ambiente, eu era totalmente estranha para eles, e o contrário também. Realmente, não sabia por onde começar, em qual banco sentar para observar, o que fazer, de certa forma paralisei. Qual será o idoso que iria servir? Como classificar? Por onde começar?

Da cozinha, percebi que, no refeitório, estava começando uma aula. Fui até lá; me apresentei com meu nome e, então, pedi autorização para a professora para acompanhar as aulas. Após sua autorização, apresentei-me para a turma dizendo que era aluna do mestrado em Ciências Sociais e que estudava idosos. Expliquei a pesquisa.

Nesse momento, o gerenciador: [...] mencionou que um grupo de idosas estava em aula, perguntei se poderia acompanhar. Pronto, dessa forma, foi um alívio, achei uma maneira de iniciar a minha inserção. e então, pedi permissão à professora Gisele, que permitiu eu assistir e acompanhar as aulas. Então, a professora me apresentou e pedi autorização das alunas. Hoje conheci algumas idosas, percebi que as aulas me remetiam ao ambiente de sala infantil, as perguntas, as ajudas entre as colegas, e que algumas apenas rabiscavam em seus papéis, pois não acompanham. Conversei com a professora que faz parte de um projeto chamado Brasil Alfabetizado, me mostrou alguns idosos de difícil convivência e me falou que logo terminaria o projeto esse. Eu poderia levar atividades para as idosas, então, mencionei, novamente, que o meu propósito não era este. Então, novamente, expliquei minha pesquisa. Acho que fui apresentada a bastantes idosas, para o “primeiro dia” (Trecho do Diário de Campo de 27 de janeiro de 2014).

As aulas de alfabetização que eram oferecidas para os internos fazem parte de um programa do governo federal denominado Programa Brasil Alfabetizado (PBA). Conforme o site do MEC⁶, o objetivo do programa é

promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos, e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida.

As aulas estavam sendo ministradas por uma professora, a qual estava vinculada ao programa, e a mesma possuía curso de Magistério, sendo uma profissional habilitada para educar em séries iniciais e na educação infantil. Dessa forma, a professora possuía diferentes habilidades de didática com o grupo de idosos. O curso de alfabetização para os asilados, com a professora, havia começado em outubro de 2013, no entanto, por relatos das internas e até mesmo da professora, fiquei sabendo que outras professoras já haviam lecionado na associação.

As aulas ocorriam três vezes por semana, sempre de segunda até quarta-feira, após o almoço. Deveria iniciar no horário as 13h30min, no entanto, sempre

⁶ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17457&Itemid=817.

começavam às 14h. Em torno das 15h, elas recebiam um lanche, como frutas, bolachas ou mingau. Logo em seguida, começavam os movimentos das cadeiras, porque já eram 15h30min e estava na hora do chimarrão. Então, a professora liberava as meninas, ou elas se retiravam sozinhas, com a justificativa do horário do chimarrão. É importante mencionar que as aulas eram ofertadas a todos, mas frequentadas somente por mulheres.

A professora trazia atividades em folhas, utilizava o quadro negro, o qual ficava escorado em uma mesa, o mesmo nunca fora pregado na parede. Havia sete alunas na sala de aula, envolta de uma mesa. Nessa primeira aula que acompanhei estavam presentes: Lore, Priscila, Angelita, Madalena, Margarida, Linda e Maria.

Foi o momento, começou o meu contato com os internos residentes no asilo. Sobre as aulas que acompanhei, alguns fatos que observei durante as aulas de que algumas alunas (Linda, Margarida, Madalena e Maria) não desenvolverem as atividades propostas pela professora. Maria, Margarida e Madalena apenas tentavam reproduzir algumas letras. Às vezes, Margarida começava a falar o alfabeto chegando até a letra O e retornando à letra A. Parecia que ela conferia suas letras, pois apontava o seu dedo às letras e as pronunciava; nem sempre o seu dedo era coerente com sua pronúncia. Madalena desenhava bolinhas e riscos em seu caderno, enquanto Maria escrevia letras soltas. Linda recortava, coloria e colava as folhas, em seu caderno; algumas vezes aponte os seus lápis coloridos. Enquanto isso, Lore, Priscila e Angelita sempre tentavam desenvolver as atividades. Lore me relatou que aprendeu a escrever e a ler nos projetos. Priscila contava que, além desse projeto, frequentava a CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que lá ela também escrevia e fazia leituras. Angelita estava aprendendo, sempre se esforçava bastante nas aulas.

Portanto, a aula estava além do aprendizado, é um espaço de socialização entre os internos e também uma atividade “extra”, visto que não se tem muitas atividades durante a semana, as aulas são um entretenimento. Considero as aulas, à luz de alguns textos sobre Antropologia e Educação, como uma relação estreita entre escola e sociedade, isto é, entre os processos existentes no aprendizado e os processos existentes nas regras de convivência para formação e integração em ambientes sociais.

Nesse acompanhamento, durante semanas, presenciei muitas aulas e, algumas vezes, auxiliei a professora, mas sempre observando. Eventualmente, em

alguns outros momentos, esse grupo me chamava de professora, devido à minha participação nas aulas. Foi nessa rotina de acompanhar aulas, quando pensava que não haveria nada de diferente que, ao chegar, as alunas já estavam sentadas e, como cumprimento, dei um beijo e um abraço, cena que, depois desse momento, se repetiu sempre. Somente depois de algumas repetições dessa cena, percebi que o grupo estava me recepcionando de maneira diferente, de uma maneira mais acolhedora. Notei que, após o beijo, até seus quartos fui convidada a visitar.

No decorrer das aulas, foi possível apreender que apenas mulheres tinham interesse em participar da alfabetização. O mesmo grupo já havia participado de outras aulas com o objetivo da alfabetização. Poucos idosos homens circulavam durante as aulas, apenas Paulo apareceu em duas aulas e sentou, mas não participou, apenas olhou e, uma vez, tentou conversar com as idosas, que “brigavam” com ele verbalmente, chamando-o de louco e pedindo silêncio, já que elas estavam em aula. Ele observou a aula e cochilou em alguns momentos, mas permaneceu na sala até a hora do lanche. Desse modo, as aulas praticamente eram para as idosas, sendo que, inúmeras vezes, a professora levou atividades como crochê para atender aos pedidos do seu grupo de alunas.

Portanto, quando o meu afastamento se tornou necessário devido ao vínculo com o mestrado, na cidade de Santa Maria, elas estavam familiarizadas comigo. e então, passei a retornar de quinze em quinze dias e, mesmo assim, tinha a mesma ou até uma receptividade maior.

"A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo".
Simone de Beauvoir

CAPITULO II

ENVELHECIMENTO, TEMPO E NARRATIVAS

Este segundo capítulo aborda algumas considerações conceituais encontradas em pesquisas com enfoque nos idosos. Além disso, traz a exposição de narrativas sobre como os idosos asilados na Sociedade Assistencial Santa Isabel percebem o envelhecimento e sobre suas trajetórias de vida até a chegada a esse local. Foi necessário fazer uma breve contextualização do tema envelhecimento através da dimensão da área da Gerontologia Social, assim como da velhice sob a perspectiva abordada pelo campo da Antropologia e, por fim, do significado do envelhecimento para o idoso asilado, através de suas narrativas.

2.1 Noções sobre o envelhecimento

As definições básicas sobre o envelhecimento estão na diferenciação de alguns conceitos que estão interligados: envelhecimento, velhice e velho. De acordo com Netto (2006), o envelhecimento é um processo comum a todos os seres vivos e pode ser compreendido como um processo que terminará com a morte. "O ser humano, do mesmo modo que os outros seres vivos, tem um ciclo vital que se inicia com o nascimento e termina com a morte" (MORAES, 1977, p. 1). Dessa forma, ter-se-ia diferentes fases do desenvolvimento, como puberdade e maturidade. A velhice seria uma fase, no entanto, ela não possui um marcador biofisiológico do seu início, como as demais fases do desenvolvimento biológico do indivíduo. Em relação ao velho, seria então o resultado final desse processo do envelhecimento.

O século XX marcou definitivamente a importância do estudo da velhice, fruto, de um lado, da natural tendência de crescimento do interesse nas

pesquisas e estudos sobre o processo de envelhecimento, que, diga-se de passagem, já se anunciava nos séculos anteriores. Por outro lado, o aumento do número de idosos em todo o mundo exerceu pressão passiva sobre o desenvolvimento desse campo (NETTO, 2006, p. 2).

O envelhecimento vem sendo o enfoque de estudos de diferentes áreas, tanto das Ciências Sociais e Humanas quanto das Ciências da Saúde. No entanto, há duas áreas específicas, que são a Gerontologia e a Geriatria, as quais também analisam esse processo de envelhecimento humano e suas consequências. De acordo com Netto (2006), a Gerontologia foi criada em 1903 por Elie Metchinikoff, o qual a propõe como um campo de investigação dedicado exclusivamente ao envelhecimento. A área teve muito sucesso dentro da comunidade científica naquele momento. Em 1909, a Geriatria foi denominada por Ignatz L. Nascher como uma especialidade da medicina com interesse em estudar as doenças dos idosos e da própria velhice. Conforme Debert (2012, p. 196), “na língua inglesa o termo *Gerontology* é cunhado em 1904 e o termo *Geriatrics*, em 1909, mas é só no pós-guerra que a gerontologia e a geriatria se transformam em campos de práticas profissionais de pesquisa e de formação acadêmica, na Inglaterra e Estados Unidos”.

No decorrer do século, a Gerontologia tornou-se um campo de estudo multi e interdisciplinar para a análise do processo do envelhecimento e seus aspectos biopsicossociais, de modo que a Gerontologia Biomédica, tal como a Geriatria “se atêm aos aspectos orgânicos, são subdividas de acordo com as especialidades que as compõem” (NETTO, 2006, p. 7). A Gerontologia Social, por sua vez, enfatiza os aspectos antropológicos, sociais, psicológicos, econômicos, éticos e políticos do envelhecimento.

Para Rodrigues (2006, p. 15), “A velhice deixa o reduto do pessoal, das famílias, do privado, para ganhar uma dimensão de Sociedade”. Então, a velhice deve ser analisada conforme os significados particulares em cada contexto histórico, pois cada sociedade atribui diferente representação para esse processo biológico, o qual acaba sendo algo culturalmente inventado para dar conta de demanda da organização social de cada contexto. Sendo assim, é necessário refletir sobre a velhice analisando as transformações sociais.

Da perspectiva antropológica, e também da pesquisa histórica, trata-se de ressaltar, em primeiro lugar, que **as representações sobre a velhice**, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham **significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos**. A mesma perspectiva orienta a análise das outras

etapas da vida, como infância, adolescência e juventude (DEBERT, 2006, p. 50).

Dessa forma, a velhice está entrelaçada ao ambiente e à construção simbólica que se dá ao envelhecer. A mesma pode variar em diferentes ambientes, sendo assim, “o momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontra em parte alguma “rito de passagem” que estabeleça um novo estatuto” (BEAUVOIR, 1990). O velho tem diferentes significados conforme cada contexto. No entanto, “pensar na visibilidade alcançada pela velhice é atentar para o duplo movimento que acompanha sua transformação em uma preocupação social” (DEBERT, 2012 p. 13), momento em que o velho passou a ser percebido de uma maneira mais homogeneizada, para que se fosse possível atender às demandas sociais.

Até muito recentemente, tratar a velhice nas sociedades industrializadas era traçar um quadro dramático da perda do *status* social dos indivíduos – a industrialização teria destruído a segurança econômica e as relações estreitas que vigoravam nas sociedades tradicionais entre as gerações na família. Dessa perspectiva, a situação atual, em que os idosos se transformam em um peso para a família e o estado, opunha-se a uma Idade de Ouro, em que eles, dada sua sabedoria e experiência, eram membros respeitados na família e na comunidade. O empobrecimento e os preconceitos marcariam a velhice nas sociedades modernas que abandonam os velhos a uma existência sem significado (DEBERT, 2012, p. 12).

De acordo com Barros (2006, p. 1), “o ser velho no mundo ocidental contemporâneo, assim como ser criança, jovem e adulto, remete a configurações de valores distintas de outros momentos históricos de nossa e de outras culturas”. É a configuração de valores que se alterou tanto no universo acadêmico quanto no social. Uma vez que o envelhecimento não tinha tanta relevância dentro desse universo acadêmico e social, o olhar/interesse para a velhice só foi alterado devido à reconfiguração da pirâmide social no Brasil: “a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento deve-se, sem dúvida, ao fato de os idosos corresponderem a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico” (DEBERT, 2011, p. 2).

O grande número de idosos é benéfico ao comércio, pois os idosos são compradores em potencial, então, o processo de envelhecimento não é tão “ruim” assim. Porém, não é só o comércio que “ganha”, há um processo de troca, visto que

as “compras” trazem benefícios aos idosos. As empresas percebem os idosos como um comprador em potencial, principalmente para os ramos de viagens e beleza.

Conforme a ideia de Lovisolo (2006), de acordo com o seu modelo JUBESA (juventude - beleza - saúde), as noções de juventude, beleza e saúde não ficam em volta somente dos idosos, é uma busca para muitas pessoas.

Forma parte das crenças presentes no JUBESA, as funções positivas da atividade física sistemática, tanto para a diminuição dos riscos à saúde quanto para a melhoria estética. A “boa forma” tem, sem dúvida, um sentido duplo: de aptidão, saúde e desempenho; de proporcionalidade, isto é, estética. Índices baixos de gordura são associados à saúde, beleza e juventude (LOVISOLO, 2006, p. 159).

Apesar de essa visão poder ser analisada sob um aspecto negativo, é importante pensar que essas atividades voltadas aos idosos fizeram com que muitos deles que não percebiam a velhice como algo prazeroso, tivessem mais opções de lazer e sociabilidade em seu envelhecer, mesmo sendo a maioria das atividades custeadas pelo idoso.

O fato de os mais velhos constituírem o grupo que, em todas as classes sociais, tende a ter maior disponibilidade para o consumo; a transformação das etapas mais avançadas da vida em momentos privilegiados para a realização pessoal; e as concepções autopreservacionistas do corpo dão uma dinâmica específica ao modo pelo qual socialização e reprivatização da velhice se combinam no contexto brasileiro (DEBERT, 2012, p. 22).

Sobre a promoção da saúde para o idoso, ela vai além da comercialização de medicalização e de atividades físicas para o bem-estar, pois o incentivo para a saúde faz muitos idosos acharem motivo para desejarem e continuarem a se movimentar. Isso sem mencionar a importância da prática de atividades físicas como geradoras de socialização, ou seja, como algo prazeroso e de entretenimento para os idosos.

Quanto aos estudos no Brasil sobre envelhecimento, de acordo com Barros (2006), o assunto velhice teria tramitado por diferentes áreas do conhecimento, no entanto, a Antropologia haveria aberto caminho para perceber a velhice como um objeto de investigação, sob o qual procurava responder indagações “como os significados práticos sociais referentes às idades ao longo do curso da vida e a própria sociedade urbana contemporânea” (BARROS, 2006, p. 110).

A pesquisa antropológica é rica em exemplos que servem para demonstrar que fases da vida como a infância, a adolescência e a velhice não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o

avanço da idade cronológica. Pelo contrário, o próprio da pesquisa antropológica sobre os períodos da vida é mostrar como um processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que são necessariamente as mesmas em todas as sociedades (DEBERT, 2006, p. 51).

De acordo com Britto da Motta (2006), o tema envelhecimento começou a ser abordado, nas Ciências Sociais, na década de 1960, mas de modo escasso. Começou a ser viabilizado na década de 1980 e só foi ter relevância teórica e social na década de 1990. Enfim, o tema envelhecimento se tornou relevante quando se passou a perceber o velho como uma preocupação social, então, são construídas várias disposições para lidar com o tema envelhecimento como um objeto de estudo.

É importante salientar que há uma forte tendência a uma homogeneização do grupo de idosos, pois pensando-os como um grupo mais similar seria mais fácil solucionar algumas necessidades. Porém, é necessário esse exercício de homogeneização para a criação de políticas públicas, em suas demandas sociais e de saúde.

A velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. O avanço da idade como um processo contínuo aos idosos - é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, **mas foi também um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria** (DEBERT, 2012, p. 14, grifo meu).

No entanto, é preciso pensar no idoso com características individuais, ou seja, na pluralidade, na diferenciação, que pode ser percebida nas mais diferentes esferas, inclusive em uma ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos). É possível encontrar idosos que gostam de se cuidar, que não deixam de usar um batom, um laço (e até mesmo tintura) no cabelo. Outros mantêm os cabelos bem branquinhos. Há as que não ficam sem um esmalte e os que não deixam de usar camisa social e sapato. Há os que têm cuidados maternos e paternos uns com os outros e alguns que se mantêm isolados porque preferem ficar sozinhos. Existem os mais briguentos e os mais amáveis e receptivos. Os idosos demonstram a pluralidade da velhice e as mais diversas formas de vivenciá-la e representá-la.

A velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem "velhices"; o que também significa que não existe velho, existem velhos, "velhos e velhas", em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo da vida (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 78).

A velhice se representa com diferentes imagens mesmo em uma instituição total, sob a qual as regras e as normas visam à homogeneização para um melhor cuidado com o coletivo. Mesmo nesse ambiente, no qual a rotina é algo inevitável, tem-se espaço para expressar a velhice em suas diferentes representações, que vão além do corpo e das formas de vestir, sendo visíveis em diferentes personalidades, que desconstróem várias representações criadas sobre o idoso, como a de bonzinho e receptivo. Por isso, torna-se relevante analisar como os idosos asilados percebem e abordam o envelhecimento.

2.2 A velhice na percepção dos internos: como eles se percebem?

Nesta seção, busco explanar como os idosos percebem a velhice e o processo de envelhecimento, as mudanças em seus corpos, buscando o significado dos termos “velho” e “idoso” para os internos. Sobre os usos de palavras para identificar uma pessoa que está em processo de envelhecimento, trago exemplos de Peixoto (2006): os franceses usam dois termos para designar as pessoas envelhecidas, sendo o *vieux ou vieillard* (velho), para indivíduos que não possuíam um estatuto social e *persnonne âgée* (idosos), para os que possuíam algum estatuto social. No Brasil, o uso do termo velho já teve uma conotação negativa:

Passemos agora ao exame de algumas designações da velhice no Brasil. Parece-nos que a conotação negativa do vocábulo “velho” seguiu um processo semelhante ao da França, ainda que seja mais recente, datando dos anos 60. Isso porque o objeto velhice só entrou na cena brasileira há bem pouco tempo. Ainda que existam outros termos classificatórios para a velhice no uso corrente, o termo que designava, até essa época, a pessoa envelhecida era, sobretudo, “velho”. Empregado de maneira geral, esse termo não possuía um caráter especificamente pejorativo, como o *vieux* ou o *vieillar* do Francês, embora apresentasse uma enorme ambiguidade, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto em que era utilizado (PEIXOTO, 2006, p. 77).

Entendo que o uso da palavra velho é uma maneira de se fazer uma representação social do envelhecimento, mas não a usei com os interlocutores e preferi a palavra idoso, pois, de acordo com Debert (2011, p. 2, grifo meu), **“hoje, preferimos usar expressões como “idoso” ou “terceira idade”, em vez de “velho” para evitar ofender ou melindrar nosso interlocutor”**. Enfim, podemos

entender que os idosos asilados já se encontram em uma situação de vulnerabilidade e o uso do termo “velho” poderia reforçar a sua situação de estigmatização. O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, **é uma linguagem de relação e não de atributos** (GOFFMAN, 1975, p. 13, grifo meu).

Algumas ideias sobre envelhecimento vêm sendo usadas associadas às denominações utilizadas para esse processo, como terceira idade, melhor idade e outras.

Traduzindo nos termos das ideias da terceira idade, a independência, a liberdade, e a capacidade de agir significam a reprivatização da velhice, a qual, segundo Guida Debert (1999), corresponde à responsabilização do indivíduo por seu próprio bem - estar. **A construção social do conjunto de ideias e as práticas sobre a terceira idade se opõe ao estigma da velhice que é percebida como o fim da vida, como doença ou como solidão** (BARROS, 2006, p. 121, grifo meu).

A representação que os internos do asilo fazem sobre ser velho está relacionada à falta de autonomia, pois fazem uma diferenciação entre eles mesmos. Apontam que os velhos, no asilo, são os que têm dependências. Então, seriam os “velhos” os que deixam de fazer as coisas devido à idade cronológica, os que precisam de ajuda, tanto das funcionárias quanto de equipamentos como andadores ou muletas, para se locomover, são os que dependem de outras pessoas para se alimentarem ou para se banharem.

Os independentes, os que tomam banho, fazem suas refeições sem ajuda e conseguem se locomover, esses seriam idosos. Isso demonstra que a palavra “velho” está relacionada à perda de autonomia. “É necessário entender a velhice como um tempo de vida, com todas as suas implicações individuais e mudanças biológicas, psicológicas e também como um fato social, enquanto implicações sociais e culturais e suas repercussões no coletivo” (HEREDIA, 2000, p. 31).

A Organização Mundial da Saúde (2005) aborda os conceitos autonomia e independência. Dentro da política de envelhecimento ativo:

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (Organização Mundial da Saúde, 2005 p. 13).

Definindo autonomia como “a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências” e independência como “habilidade de executar funções relacionadas à vida diária, isto é, a capacidade de viver independentemente na comunidade com alguma ou nenhuma ajuda de outros”. Percebe-se que os idosos asilados, mesmo sem o conhecimento das palavras autonomia e independência, fazem a diferenciação sob essa perspectiva, pois identificam os asilados que precisam de ajuda para fazer as suas atividades diárias e os asilados independentes. A dependência é relacionada à decadência mental ou física. Farinatti (2006) diz que os idosos considerados frágeis estariam sendo etiquetados:

pode-se afirmar que hoje há um consenso de que os idosos são tidos como frágeis ou dependentes porque muitos os etiquetam como tais e, não raro, os impedem de agir por seus próprios meios. É evidente que existe uma correlação entre o envelhecimento e a redução da capacidade funcional, mas esses déficits são também acompanhados de potencialidades específicas- estas ainda mal identificadas. O fato é que a maior parte dos idosos reúne as condições necessárias a uma vida autônoma e produtiva, sem apresentar sintomas de decadência mental ou física (FARINATTI, 2006, p. 210).

De acordo com Barros (2006, p. 121), “a construção da identidade de velha faz parte do trabalho”. Torna-se comum os internos perceberem os outros como velhos e não assumirem essa identidade. Percebo o significado da palavra velho como algo construído e ressignificado por meio do cotidiano dos internos:

A dificuldade mais evidente, cujo tratamento dá início a boa parte dos manuais e cursos dirigidos à formação de antropólogos interessados em pesquisar o envelhecimento, é a consideração de que a velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se, assim, distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico – **a variabilidade das formas de conceber e viver o envelhecimento** (DEBERT, 2006, p. 50, grifo meu).

Assim, para os internos, a velhice está relacionada à perda das capacidades físicas:

É um tempo, a última fase do ciclo natural da vida humana, em que as mudanças provocadas pelo processo degenerativo do organismo acentuaram as perdas físicas e onde ocorrem **significativas transformações** psicológicas, culturais e sociais do indivíduo, **com implicações no seu interagir com o meio no qual está inserido** (HERÉDIA, 2000, p. 31).

Dessa forma, as implicações devido às transformações pelo processo degenerativo podem ser associadas com as distinções do que é ser velho em um ambiente asilar: mesmo os internos possuindo a mesma faixa etária, a ideia de ser ou não velho está relacionada à autonomia e à independência.

Em relação ao entendimento dos internos sobre o envelhecimento, trago algumas narrativas. Sobre o envelhecimento, Ana (60 anos) compreende o velho como uma pessoa que aceita essa condição imposta pela idade. Isso estaria relacionado a limitações físicas da idade cronológica. Ela acredita que aceitar essa limitação é uma opção de cada pessoa, pois, em sua visão, tem-se espaço, atualmente, para as mais diferentes idades cronológicas, bem como suas limitações físicas:

Olha, o envelhecer as pessoas dizem assim: **-ó, vai fazendo idade e vai envelhecendo**, mas não é a idade que envelhece, é a pessoa mesmo que se envelhece né, que a pessoa vai chegando em uma certa idade ela mesmo vai limitando. Ah, não que a idade **chegou eu não posso fazer isso, elas ficam refém do tempo**, elas não fazem isso porque é frio, não fazem aquilo que é chuvoso, elas não fazem isso porque não sei o quê, elas mesmo se envelhecem. O que envelhece não é a tua idade, tu dizer eu tenho 80 anos, pode ter 80, mas uma mentalidade de 40, 50, **então vão fazer idade elas mesmo, vão se envelhecendo**, porque elas não podem isso porque já tem uma idade e começa a reclamar. **O mundo está tão aberto para qualquer tipo de idade [...]. Acho que o envelhecer é isso, tu não deixar tu te dominar pela idade** (Ana, 60 anos).

Então, Ana procura demonstrar, em sua fala, que a velhice é elaborada pelo indivíduo, ou seja, muitos se apropriam das limitações que o corpo passa com o processo de envelhecimento como argumento para não ser um idoso ativo. Ela também acredita que a velhice e o sedentarismo podem ocorrer em pessoas com idade inferior a 60 anos. Lembro aqui de uma fala em entrevista do filósofo brasileiro Cortella (2005):

Idoso é quem tem bastante idade, velho é o que acha que já sabe, que já está pronto. Velho é arrogante. “Idosa é uma pessoa de sessenta anos, sessenta e cinco, setenta; velho você pode ser aos quinze anos de idade, aos vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta”, explico. Velho não tem humildade, não aprende; perece, porque é incapaz de acompanhar a mudança. O velho é reativo, o idoso é pró-ativo (CORTELLA, online).

Uma compreensão semelhante à feita por Ana é efetuada pelo filósofo Cortella. Ana continua sua fala abordando a relevância da família para a construção do que é ser velho, o qual deveria estar na estrutura familiar alicerçada de amor. Tal como o preconceito com o negro, deve-se ensinar a não existir o preconceito com o

velho, este não deve ser transmitido em meio familiar, sendo os preconceitos suprimidos pelo amor:

Envelhecer é embasado na família, o que tu teve da família, teve amor, teve amor, o que tu aprendeu na tua família. Ah, falta de amor e de vontade é um preconceito como o negro (Ana, 60 anos).

Quanto às mudanças corporais e seus significados, “as transformações do corpo ao longo da vida ganham significados distintos nos diferentes contextos sociais. Em nossa sociedade, a imagem da velhice está associada a um declínio de vitalidade” (BARROS, 2006 p.121). No asilo, o corpo é um demarcador, ou seja, o indivíduo que tem condições físicas não se intitula velho, prefere ser reconhecido como idoso. A categoria velho está destinada aos internos com dificuldades físicas, ou seja, os que dependem de outros para fazer suas atividades diárias.

Portanto, o ser velho dentro na Sociedade Assistencial Santa Isabel, na percepção de alguns internos, além de ser o outro (DEBERT, 2012), estaria relacionado ao caráter fisiológico e ao declínio do corpo, que gera dependência constante do quadro de funcionários. Na fala de Lore (59 anos)⁷, podemos perceber que sua convivência com a velhice diariamente faz com que ela represente noção velho da seguinte forma:

Mudou para melhor a experiência, é que eu tô bem, uma velhice boa, o corpo é a mesma coisa, mas não me considero velha, eu tenho 58, sou nova ainda, velho é dos 70 e em diante, 70 e 80 já é velho (LORE, 59 anos).

Sobre o envelhecimento, a Lore fala que é mais perceptível o envelhecimento em outros internos e analisa que a velhice é algo positivo quando se pensa em experiência de vida, demonstrando, então, que o ato de envelhecer está nos outros:

Traz experiência, eles têm muita experiência pra passar pra nós mais jovens, eles já viveram um bom pedaço, eles sabem muita coisa boa (Lore, 59 anos).

As idosas vivem a velhice de diferentes maneiras, sendo algumas bem vaidosas, como Linda, que não dispensa acessórios no cabelo, brincos, pulseiras,

⁷ Algumas falas são de pessoas não enquadradas na categoria idoso, conforme estabelecida no Estatuto do Idoso-acima de 60 anos. Compreendo que essas pessoas não fazem parte do grupos de idosos do asilo, porém fazem parte do universo asilar, possuem funções dentro da instituição e, principalmente, na relação de socialização dos idosos .

colares ou cachecol para os dias frios, meias de tricô com um chinelo de dedo. Angelita mantém suas unhas bem pintadas. Linda sempre me mostrava que pintava o cabelo com frequência. Acredito que esse ato vai além da velhice, é uma maneira de desconstruir esse fenômeno biológico que atua no corpo deixando marcas visíveis: “os próprios velhos tentam evitar a classificação de velhice”, visando desnaturalizá-la, e não apenas recorrendo aos mecanismos tradicionais de “correção” de natureza (pintar cabelos, cirurgias plásticas etc.) como também seguindo todo um receituário social-moda, interesse, atitudes para se manterem jovens, até negar a idade” (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 78).

Alguns idosos não têm palavras para descrever a velhice, apenas a percebem nas dores e na transformação do corpo, é o caso da Angelita:

O que é envelhecer? **Mas eu nem imagino o que possa ser!** Sinto dor bastante, doía aqui, doía ali, é dor nas pernas, dor na coluna, já tenho 70, mas me considero mais ou menos idosa, não muito. Idoso é a idade que vai chegar! **Assim vai ficando mais velha, vai ficando mais devagar até o caminhar fica mais devagar, né.** A gente tem que andá se cuidando para não cair. É, por aí! (Angelita, 71 anos).

Sobre o envelhecimento, ela ressalta que ele está nas dores que estão em diferentes partes do seu corpo ou nas limitações nos passos e no equilíbrio, isto é, na transformação fisiológica que ocorre com o corpo humano. Para Farinatti (2006), a relação das transformações corporais pode estar relacionada ao afastamento do convívio social e agravar a solidão:

O individuo não pode mais ceder aos seus caprichos, seguir seus impulsos. Ele é, a todo momento, impelido a se questionar sobre as consequências de seus desejos, a escolher entre praticar desporto ou ter dores nas costas e expor-se a riscos de quedas, entre fazer suas compras e não poder transportá-las à sua casa ou ter dores nas pernas em função das deficiências dos transportes públicos. Os constrangimentos não raro terminam por levá-los a renunciar à luta contra suas dificuldades. O ambiente físico, ao confinar o idoso em si mesmo, torna as relações sociais mais difíceis, agravando o problema da solidão. Isso contribui com o estado de marasmo habitualmente associado à velhice (FARINATTI, 2006, p. 214).

Rosa aborda a velhice como sendo algo sem comparação, a não ser com o próprio velho, a velhice como algo condicionado pelo divino (ela é de religião Católica, mas seu quarto sempre tinha as portas abertas para receber orações ou bênçãos de outras religiões). “*Depois de velho é velho, né, ah, vai se vivendo como Deus quer*” (Rosa, 75 anos). Rosa tem problemas de locomoção e dificuldades para falar. Possui também uma grande proximidade com divino e entende a velhice como

algo que estaria relacionado ao divino, bem como o modo de se viver o envelhecimento.

Angelita, em uma conversa no seu dormitório, falou que o envelhecimento estaria relacionado com a sorte, pois muitas pessoas não vivenciam a velhice: “*Acho que todas as pessoas que têm sorte envelhecem, que isso aí é uma sorte na vida, não é? Tantos que morrem tão novo, não é?*” (Angelita, 71 anos).

Dinda percebe a velhice como uma perda da vontade de fazer as coisas, de cuidar de si e de fazer sua higiene:

Envelhecer é a vida que vai indo embora, vai sumindo de pouquinho e pouquinho, vai envelhecendo e a vida vai indo embora. Traz muita mudança, o esquecimento, muita coisa. O relaxamento e muita coisa, o descuidado. A pessoa fica completamente diferente. Algumas pessoas ficam velha, não se cuida, não se perfuma nada. Fica a Deus dará (Dinda, 78 anos).

Linda relaciona o envelhecimento ao esquecimento e percebe o envelhecimento nos outros: “*A gente vai ficando velha e vai ficando esquecida, e mais uma dor por tudo e dor nas pernas*”. E sobre envelhecer no asilo? “*É que os pobrezinhos vão ficando doente...*” (Linda, 76 anos).

Então, a partir dessa visão dos internos, é possível refletir a respeito da velhice, entendendo-a como um declínio do corpo e não como um marcador etário, sem associação entre o caráter de idoso e a aposentadoria. Nessa visão, o velho é o que possui uma condição extremamente fragilizada do corpo, e o idoso é o que sente algumas dores, que estaria recém entrando nesse processo de envelhecimento. “Os indivíduos não são apenas monitorados para exercer uma vigilância constante do corpo, mas são também responsabilizados pela sua própria saúde, através da ideia de doenças auto-infligidas, resultado de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios” (DEBERT, 2012, p. 21).

O corpo traz significados culturais. Marcel Mauss (1974), no texto “Noção de técnica corporal”, aponta que o corpo, além de ser algo privado de quem o possui, também faz parte de uma existência social, que pode se expressar na maneira de nadar, marchar e caminhar em cada cultura, sendo que “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo, o meio técnico do homem é seu corpo” (MAUSS, 1974, p. 217). Dessa forma, compreendo que o corpo pode ser o instrumento no qual se representa

a pluralidade de velhices, o que me leva a buscar pelos significados que o corpo adquire na cultura asilar.

Para uma reflexão sobre a representação dos internos acerca da perda de autonomia e da dependência dentro do asilo, vou usar do recurso fotográfico para ilustrar o que ouvi dos internos sobre a relação deles com a perda de independência. Desse modo, apresento algumas imagens sobre esse padrão de representação do ser velho, à luz da percepção dos internos.

Em relação à fotografia, torna-se importante salientar alguns pontos sobre o seu uso como instrumento de pesquisa, como uma forma de produção de conhecimento etnográfico, tal como o é o diário de campo.

Na tarefa da coleta do material, a fotografia é um instrumento coletor do dado bruto, que abrange o não descrito apenas pela palavra do pesquisador, ela se transforma em um suporte de memória do fato etnográfico, propiciando assim uma análise posterior mais minuciosa da disposição de certos elementos não-verbais ou não verbalizados (BARROS.1998,p.102)

A imagem não serve para demonstrar ou provar que o pesquisador esteve lá, ela contribui na mensagem que o texto escrito está transmitindo.

apesar de seu potencial em captar os múltiplos planos da realidade visível, inclusive alguns mais “abstratos”, cabe aqui fazer uma observação quanto à limitação da fotografia, pois enquanto a imagem [...] poderia mais facilmente auto-explicar-se e induzir uma interpretação, a fotografia isolada, por mais rica em aspectos visuais e simbólicos, dificilmente consegue propor uma explicação ou uma interpretação. A fotografia tende sempre a ficar no limite da constatação, no caso de uma questão ou característica socioetnográfica. Vai ser o “olhar” do pesquisador que vai identificar nela a problemática socioantropológica. **Sem isso as fotografias parecem produzir apenas descrições rasas.** (GODOLPHIM, 1995 ,p. 165, grifo meu).

Eu uso da imagem com o consentimento dos idosos. As fotografias, em muitos momentos, serviram para a aproximação com o grupo, pois, como circulava com a máquina fotográfica em diversas idas ao asilo, em alguns momentos, era abordada para fazer uma foto dos idosos. Eles falavam que depois pagariam a revelação e, no mesmo momento, eu disse que levaria de lembrança. Dessa forma, me aproximei de vários internos.

As fotografias foram feitas e muitas doadas para os idosos asilados. Os registros fotográficos foram vistos pelos idosos e estes autorizaram verbalmente a utilização das fotos nesta dissertação. Dessa forma, os idosos têm posse de muitas

imagens, mas o mais importante é que eles têm conhecimento dessas imagens como fazendo parte do texto etnográfico.

Vale salientar o cuidado ao fazer os registros fotográficos, escolhendo desde os momentos apropriados e situações que não fossem constrangedoras ou pudessem vir a constranger. Compreendo que é necessária uma permissão no momento da fotografia, bem como o mostrar a foto, seja em sua versão digital, nas câmeras fotográficas ou tablets, seja, ainda, em seu modo impresso. Saliento que é necessário que o interlocutor tenha conhecimento, tenha visualizado e autorizado o uso da imagem. Apesar das autorizações optei em desfocar o rosto dos internos, como um modo de preservar de sua identidade. Para os internos, a autorização sempre foi solicitada verbalmente. Ou seja, as fotos não devem ser reproduzidas dentro de outras pesquisas, pois as imagens têm uma finalidade e uma relação com esta escrita.

A fotografia, ao acompanhar as etnografias, faz com que o texto verbal seja expresso conjuntamente com a imagem, de forma que a narrativa interpretativa se componha destes dois veículos de informação-comunicação: a escrita de imagem (BARROS, 1998, p. 104).

Na primeira imagem está representada a falta de autonomia através de três fotografias: a dependência, a necessidade de bengala, os passos lentos dos idosos, os que precisam de cuidados redobrados tanto das enfermeiras, das funcionárias como até de outros internos. Os auxílios, podem ser, por exemplo trazer um lanche, um copo com água ou suco, um apoio para chegar ao banheiro. Exponho três imagens de idosos. A senhora que está no corredor apresenta necessidade de cuidados físicos, mas não tem problemas para falar. Ao fundo, um idoso que tem dificuldades de locomoção e seus passos são lentos. A senhora na cadeira de rodas é que possui maior idade cronológica, é centenária. Ela possui dificuldades para locomoção e sua fala é extremamente vagarosa, além de problemas de audição. A outra idosa, no seu dormitório, não conseguiu se locomover e tem dificuldades para falar.

A pessoa idosa resvala lentamente para fora do campo simbólico, transgride os valores centrais da Modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho. Ela é a encarnação do recalcado. Lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta. Imagem intolerável de um envelhecimento que atinge todas as coisas em uma sociedade que cultua a juventude e não sabe mais simbolizar o fato de envelhecer ou morrer” (LE BRETON, 2013, p. 224).



Figura 12 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

A segunda imagem traz três fotografias: na primeira, uma idosa na cadeira de rodas, em seu dormitório, em um dia frio. Ela estava bem agasalhada, possuindo um cobertor em sua cadeira; caso o frio aumentasse, os funcionários ou outro interno atenderiam seu pedido mais rapidamente. Outra imagem retrata alguns internos em cadeiras de rodas, no pátio, em um dia nublado e, por fim, uma idosa que só consegue se locomover com a ajuda de sua bengala. A imagem está procurando apresentar a leitura sobre o corpo e seus processos de envelhecimento, demonstrando as representações sobre o envelhecimento para os internos.

A velhice é, de todas as fases da vida, aquela em que os efeitos e marcas adquirem maior visibilidade. Num modelo de sociedade em que beleza e juventude atuam como valores fundamentais, o corpo que envelhece vai tornando-se decrépito. É no corpo, portanto, que são buscados os sinais de vitalidade e da perda dos mesmos (FERREIRA, 1995, p. 419).



Figura 13 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

As fotos que foram apresentadas buscaram retratar um pouco das dificuldades físicas que acompanham muitos idosos no processo de envelhecimento. As dificuldades físicas que acompanham alguns internos faz com que os outros os categorizem como velhos não pela questão cronológica, mas questão de perda de autonomia e pela dependência de funcionários ou internos.

A terceira imagem traz quatro fotos distintas. Nas duas primeiras, há uma idosa na sala de convivência e outra retrata o idoso que se intitula o responsável por aquecer água para o chimarrão para os demais internos. Nas outras imagens, há idosos no pátio. A idosa pediu uma fotografia próxima da árvore; na última, o idoso estava sentado no banco do pátio, em um dia de baile.

O envelhecimento é um processo insensível, infinitamente lento, que escapa à consciência porque nele nenhum contraste acontece; o homem desliza flexivelmente de um dia ao outro, de uma semana a outra, de um ano a outro, são os eventos de sua vida cotidiana que pontuam o fluxo do dia, e

não a consciência do tempo. Com uma lentidão que escapa ao entendimento, a duração se agrega sobre o rosto, penetra os tecidos, enfraquece os músculos, ameniza a energia, mas sem traumatismo, sem ruptura brutal (LE BRETON, 2013, p. 229).



Figura 14 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Os idosos que possuem problemas físicos acabam assumindo papéis dentro, como o idoso que aquece água para o chimarrão para os demais internos. As autonomia e independência relacionada com os novos papéis que são assumidos dentro do asilo.

A quarta imagem traz cinco fotografias, sendo as duas fotografias ampliadas de internos confraternizando e dançando durante um baile, no corredor. As três imagens do centro retratam a confraternização com outros idosos oriundos de projetos municipais para a terceira idade. As imagens procuram ilustrar as percepções dos internos em relação ao ser velho.

Nosso corpo nos expõe ao trabalho do e da morte. Mas a imagem que o indivíduo forja acerca dele para si modela-se segundo seu avanço na vida, ela o dispensa de uma apreciação demasiadamente brutal de seu envelhecimento. É o outro, sobretudo, que espelha sob uma forma depreciativa a inscrição da senescência. A imagem do corpo não é um dado objetivo, não é um fato, é um valor resultado essencialmente da influência do ambiente e da história pessoal do sujeito (LE BRETON, 2013, p. 235).



Figura 15 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

A independência e autonomia para os internos está associada ao conseguir fazer pequenas coisas diariamente como escovar os dentes, conseguir se alimentar, tomar banho, pentear o cabelo, trocar de roupa o fato de os idosos dançarem no baile também demonstra a inexistência de problemas fisiológicos relacionados a locomoção.

2.3 Caminhos que conduziram ao asilo

Vou tratar sobre os caminhos que conduziram a vida de alguns idosos ao asilo, procurando abordar um pouco de sua vida antes do ambiente asilar. Efetuarei uma reflexão sobre o tempo e os projetos de vida. A dimensão do tempo, a relação com a morte e os projetos que não estão mais sendo elaborados, pensando em longo prazo, mas que estão, a meu ver, sendo reelaborados diariamente no asilo, sendo programados de um dia para o outro, a passos curtos, em uma vida em que a rotina é algo intrínseco às suas vidas. Procurarei apresentar suas motivações diárias, as quais, às vezes, estão relacionadas às suas relações dentro do asilo.

Barros (2006), em uma abordagem sobre memória e projetos de vida, aponta estas como sendo noções relacionadas:

O tempo do curso de vida, do nascimento à morte; o tempo do passado **elaborado pelas** lembranças; **o do futuro vislumbrado na construção de projetos de vida**, todas estas temporalidades estão conjugadas com outra dimensão do tempo da biografia de cada indivíduo que, na sociedade moderna, é capaz de se perceber como uma trajetória e, ao mesmo tempo, como parte de uma história que o engloba e que ele mesmo constrói (BARROS, 2006, p. 111).

Sobre a trajetória de vida dos internos, alguns teriam vindo do meio rural e estariam no asilo por opção dos parentes, como irmãos, ou por não possuírem parentes. Muitos têm filhos, mas estes não teriam condições de cuidar de um idoso em casa. De acordo com os internos que tinham filhos, pelo fato de possuírem problemas de saúde, eles não teriam como ficar sozinhos na casa dos filhos.

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Estatuto do Idoso, artigo 3, p. 8).

Segundo o Estatuto do Idoso, no Artigo 3, a responsabilidade, primeiramente, está sobre a família, aliada à sociedade e ao poder público. No entanto, a maioria das famílias não dispõe de estrutura para manter um idoso, se levarmos em conta os gastos com remédios, fraldas, equipamentos como bengalas, andadores, cadeiras de rodas, uma estrutura residencial com acessibilidade para os idosos e pessoas

com disponibilidade de tempo para cuidar e atender às necessidades da pessoa idosa.

Apesar das recentes transformações estruturais envolvendo os arranjos familiares e o papel social das mulheres, o processo de envelhecimento populacional parece não estar acompanhado, na dimensão esperada, de uma mudança na divisão sexual do trabalho de cuidar, especialmente no cuidado familiar. Isto pode ser resultado da resistência dos atores envolvidos e/ou dos baixos incentivos institucionais que as famílias recebem, o que é reforçado pelo estado conjugal (CAMARANO, 2010, p. 17).

Dessa forma, as famílias encontram na internação em um asilo, uma maneira de cuidar do idoso, pois algumas famílias muitas vezes não conseguem atender as necessidades de um idoso. Porém, alguns idosos são “abandonados” pelas famílias, sendo mais comum encontrar internos que não recebem visitas de irmãos, filhos ou filhas. Apenas uma idosa recebia visitas de filhos ou outros familiares semanalmente.

Dinda fala sobre suas sobrinhas e seu irmão, sobre a ausência deles. Presenciei-a, algumas vezes, telefonando para a sobrinha, pois Dinda solicitava que eu discasse o número da sobrinha em seu celular.

Eles não me visitam, me conhecem tudo, falam comigo, mas não me visitam. Ligam? (perguntei). Não eu que ligo para eles. Meu Irmão, lá de vez em quando. Ele vem. Pergunto: a senhora gosta daqui? Acho médio, eu sinto muita saudade da minha casa, da minha comida, muita saudade. Se existisse aquele avião que levasse embora de graça eu queria (risos).

Linda contou-me que suas filhas estavam “extraviadas”, que ela tinha cinco e não a visitavam, que tinha uma neta e um neto em Santiago e que a neta, às vezes, a visitava. Angelita conta sobre a sua vinda para o asilo e fala de seu cunhado, que era quem mais a visitava.

Eu vim aqui, tirei 15 dias, depois disse para o seu gerenciador (anterior): eu vou embora. Ele concordou, deu um mês que tirei lá com minha irmã, daí eu falei para o meu cunhado, eu quero voltar para lá com os velhos. Daí ele disse que te levo, daí me trouxe. Ele vinha em seguida, mas ele faleceu. Eu quis voltar, porque eu gostei daqui. Tenho uma irmã que mora em Capão do Cipó e outra que mora aqui perto da rodoviária, mas ela é muito doente, às vezes eu vou lá ver ela.

Os idosos acabam perdendo a referência do núcleo familiar e recriando novos vínculos, que são as redes de relações dentro do contexto asilar. Por exemplo, alguns idosos que eram sozinhos encontraram no asilo uma relação de amizade e apego com os demais internos. Tem-se um caso peculiar, que é o de Ana, a qual ficou temporariamente no asilo, por motivos financeiros e, nesse local encontrou um

vínculo afetivo que foi além da amizade e que se tornou, segundo ela, uma relação maternal. Mesmo Ana não sendo mais interna, sua história será aqui narrada, pois compreendo que ela faz parte do ambiente asilar pesquisado e, além disso, ela mesma considerava o asilo como uma extensão da sua residência, pois ia diariamente lá.

Ana trabalhava como manicure e exercia essa profissão na parte da manhã; durante a tarde ficava no asilo; à noite trabalhava como cuidadora de idosos. Estava há cinco anos em uma casa exercendo essa função, em uma família conhecida da cidade, como ela informou.

[...] De ter sido criada assim, ó: a minha mãe não me deixava encher um chimarrão, pra mim não me queimar, né. Então, assim, de repente, eu comecei a limpá aqui, a cuidar dela, a cozinhá, a trabalhá, me envolver né, que eu praticamente não faço nada, mas tenho a senhora que lava roupa pra mim, eu almoço no restaurante, eu trabalho aqui (risos), aqui eu limpo geladeira, eu cozinho, lavo a roupinha dela, limpo o banheirinho, dô uma tapiadinha, uma ajeitadinha, **então aqui eu tenho mais casa que na minha casa** (Ana, 60 anos).

Em relação a sua estadia no asilo, foi por um período breve, em certo momento de sua vida, devido à perda de seus pais e amigos mais próximos. Ela decidiu ir para asilo tal como se esse fosse um retiro. Chegando lá, a sua estadia não foi como imaginou. Ana demonstra em sua fala um estranhamento com o local, principalmente relacionado com seu modo anterior de viver. A expectativa era de que fosse um retiro, mas não foi a realidade que conheceu.

Foi uma decisão, como eu digo assim, até a senhora, que era minha advogada, não queria que eu viesse, que eu tinha condição de pagar. Como eu te **disse, na esperança de encontrar outras coisas novas**, eu tinha perdido uma casa, eu tinha perdido uma amiga que tinha se suicidado, que era mesmo que uma filha, terminou o enterro de uma amiga, perdi uma outra amiga minha, então foi assim três perdas muito rápido. **Eu pensei assim, não posso ir pra um retiro, daí eu vou pra lá, daí tu encontra uma pessoa, tu conversa e foi tudo o contrário que eu imaginei**, não fechou com nada, mas mesmo assim valeu a pena [...]. Então, agradeço a Deus por, acho que tava escrito que tinha que vim aqui, eu vim e não me arrependo, **as coisas que eu passei, o sofrimento que passei, as calúnias, as injustiças, as fofocas, tudo aquilo foram esquecidos, que eu sofri muito aqui dentro, nesses seis meses**. É como se eu estivesse em um retiro e de repente deparei como se estivesse em um hospício, casa de pessoas desequilibradas, eu tive uma educação europeia italiana, né. Portuguesa. Bom dia, com licença, por favor, né [...] Uma realidade que não é a tua, que foge da tua educação, do teu padrão, dos teus valores, aí tu tem que conviver (Ana, 60 anos).

Percebo que sua narrativa sobre a estadia está carregada de sofrimento. Mesmo isso tendo ocorrido há quatorze anos, tendo passado três gestões (como ela mesma narrou), suas lembranças são de um momento de extrema tristeza, pois buscava um retiro e paz interior e encontrou outra realidade. Para descrever essa realidade, ela faz uma analogia com um hospício, pois, no asilo, havia muitas pessoas de diferentes faixas etárias com problemas psicológicos, pessoas que, muitas vezes, gritam e estão inquietas.

No entanto, no meio dessa solidão e tristeza, Ana encontrou outro motivo para ter forças. Foi um vínculo de grande afeto por outra interna que chegou enquanto ela estava lá e com quem passou a dividir o dormitório: Rosa (75 anos), que era uma senhora a qual a Ana considerava sua filha, pois ela teria sido aconselhada por uma amiga psicóloga a escolher qual papel queria ocupar, o de filha ou o de mãe. Escolheu o de mãe:

Ser mãe, porque amor de mãe sempre perdoa e cuida [...]. Não foi fácil porque ela não falava, eu não tinha nenhuma referência, não sabia nem quem era e da onde que era, o que pensa e o que não pensava, e daí ela começou a falar. Daí eu vi que ela era uma pessoa inteligente, ela é muito inteligente, não foi fácil porque no início tu chegava perto dela, ela te batia no rosto. Hoje ela abraça, ela beija as pessoas, ela foi reeducando, eu fui lapidando ela para aquela pessoa que ela era. Ela saiu do casulo (Ana, 60 anos).

Ana se considerava mãe da Rosa, a qual tinha problemas de saúde. Rosa parou de caminhar e falava com dificuldades devido a estes problemas de saúde. Com o amor maternal e o cuidado de Ana, Rosa vinha melhorando muito desde sua entrada no asilo. Elas consideravam que Rosa tinha 14 anos de sobrevivida, pois quando foi internada, de acordo com a Ana, os médicos informaram que ela teria alguns meses de vida apenas, porém se passaram 14 anos e Ana e Rosa contavam os dias para comemorar os 15 anos com uma festinha de debutante.

O internamento de Rosa ocorreu quando ela foi encontrada por um político em campanha eleitoral, em casa, sem conseguir sair da cama. De acordo com Ana, ela chegou com 47 kg no asilo. Teria morado no interior do município e veio para a cidade acompanhada do filho, o qual ficava longos períodos no campo para trabalhar e não a visitava devido ao trabalho. Porém, a relação da Rosa com o filho, de acordo com Ana, era amistosa.

Responsável pelo internamento foi um político, porque estava em campanha e chegou na casa dela. Ela não caminhava mais, então ele trouxe pra cá, que ela tava sozinha na casa dela, tem um filho (Ana, 60 anos).

Antes de morá na cidade, morava pra fora e plantava e arava bem direitinho. Achei bonito pra vim pra cá, um pouco achei bom, e pouco não (Rosa, 75 anos).

Elas escreveram e me entregaram a história da Rosa, intitularam o texto de *O Amor transforma vidas*. As próximas palavras foram escritas por elas, a respeito do vínculo de afeto e companheirismo entre Ana e Rosa:

Ano, 2000... mês, setembro. Eu, Ana... você, Rosa. Juntas, pegamos o trem da vida sem destino certo. Sentamos no banco da incerteza. Você na debilitação, eu na coragem. Através da janela, contemplamos o início da primavera da esperança. O apito do trem avisava uma curva, a curva que mudaria nossas vidas. Peguei firme em sua frágil mão. Eu tinha certeza que só amor poderia mudar este destino incerto. E este amor, juntamente com respeito e atitude, começou a transformar o frágil casulo na mais bela borboleta. Quando chegamos ao fim da viagem não importava o lugar que estávamos chegando, você era iluminada e vencedora por si mesma. Ficamos na estação, de mãos dadas, olhamos o trem partir levando nossas incertezas. Vários amigos, verdadeiros anjos, nos esperavam de braços abertos para juntos enfrentarmos uma longa jornada, fiéis até hoje. Nós já tínhamos o endereço certo, a casa do amor, e aí já não éramos só nós duas, éramos Rosa, Angelita, o Chico e eu. Os nossos obstáculos só aceleraram o seu sucesso. A borboleta criou asas de cores brilhantes e se tornou o Toquinho, o Toko como é conhecida e amada por muita... muita gente. Quatorze anos se passaram, e você continua crescendo firme na sua meta que é a própria superação. Obrigada meu Deus por esta filha do coração, esta dádiva que colocaste em meu caminho. Obrigada amigos. Obrigada Rosa por você existir, por fazer parte da minha vida, da minha história e por juntas estarmos construindo esta história de amor e superação.

Rosa dividia o dormitório com a Angelita, que anteriormente morava no interior do município. Ela teria trabalhado como costureira e na roça e, em alguns momentos, como doméstica e cuidando dos patrões idosos. Tinha duas irmãs, mas conta que decidiu por ela mesma vir morar no asilo.

Entrei em 21 de março de 1996. O responsável pela internação foi o meu cunhado, não tive filhos, eu trabalhava de doméstica, nas casa. Eu morava nas casa e trabalhava, costurava, eu ajudava minha mãe, depois eu fiquei sozinha e fui trabalhá de doméstica e costurava para fora, na mesma casa, cuidava de um casal de idosos já de idade, lá no Capão do Cipó também (Angelita, 71 anos).

A interna Margarida me falou: “só tem os anos na certidão”. Quanto ao tempo que estava na instituição: “ah não sei, faz tempo”. Ela conta que antes da sua ida para o asilo, cozinhava e cuidava de um irmão, que era doente. Ela conta também que sua irmã não tinha condições de cuidar dela, então, ela foi para o asilo, pois lá já

estava esse irmão, que posteriormente veio a falecer. Ela contou a sua história e a de seu irmão (que chorava para não sair do asilo) e o vínculo do mesmo com a instituição:

Eu ia morá com a mana, mas não dá, ela doente do coração. Ela disse que não dava para ficar comigo, do meu irmão cuidei dele até morrer, depois levaram pro hospital [...] A mana levou o mano para lá, ele não gostou chorou até trazerem ele de volta (Margarida, 79 anos).

Lore narrou sua vida lembrando o tempo em que morou no interior, de quando casou e ficou 15 anos em Santa Maria, acompanhando o marido, que falecera quando ainda eram casados. Eles tiveram sete filhos. Ela voltou para Santiago e morou com sua mãe até esta falecer. Então foi para a casa da irmã e, nesse local, permaneceu até sua sobrinha casar. Como o novo casal foi morar na mesma casa, o espaço ficou pequeno e sua irmã achou melhor Lore morar no asilo. Isso já faz 20 anos. Quanto aos filhos, ela falou que eles e os netos sempre vão a visitar.

Faz 20 anos, 18 de agosto cheguei aqui. Morei no Alto da Boa Vista com a mãe e morei 15 anos em Santa Maria, e até os 18 morei para fora [...]. Sete filhos, a mãe faleceu, e casou a filha da irmã e veio morá com ela e eu vim para o asilo, recebo visita dos filhos e filhas, irmã mais velha. O asilo é bom, temo tudo em casa, me dou bem com todos (pausa). Todos são meus amigos, eu tomo mate, estendo a roupa dos velhos que eu cuido, eu cuido do Xerife, do seu José, da Luísa, da Eva, da dona Maria, ah de uns quantos. Não me mudaria, não quero me mudar daqui, aqui é minha casa, não sinto falta de nada, tenho tudo aqui, por enquanto não mudaria nada, cada vez melhorando. Gosto de fazer fuxico, fuxico de retalho (Lore, 59 anos).

Linda dizia que gostava de morar no asilo. Contou que foi uma senhora da qual não lembrava o nome que a levou para o asilo, sendo a responsável por sua internação. Contou em meios a risos que, antes de morar no asilo, trabalhou como babá e lavadora de roupa das crianças, que eram uma escadinha. .

Que tu acha de morar aqui? (perguntei). Eu gosto! Eu gosto daqui! Eu gosto delas (sobre os outros internos) eu não tenho brigado [...], faço tapete, faço fuxico, colcha e lavo alguma roupinha minha no tanque [...] eu gosto demais de música (Linda, 76).

Dinda que, apesar não explicitar que não gosta do asilo, às vezes, fala claramente que gostaria de voltar para sua casa. Ela sempre conta que veio por que preferiu estar no asilo: *“eu vim por querer, já tinha estado aqui, já tinha visto como era o ambiente. Vim por querer.* No entanto, ela foi a interna que mais sugeriu mudanças, como no cardápio da alimentação. *“O que a senhora mudaria?*

Alimentação, porque só arroz, feijão e carne, tem que mudar o pensamento das cozinheira, tem que mudar a panela, a maneira de fazer as coisas”.

Portanto, é possível perceber que há diferentes trajetórias de vida até a chegada ao asilo. Algumas estão baseadas em uma vida de trabalho rural, expressas em saudade, por meio do tom de voz, ao contarem a relação com a vida que tinham antes, com mais movimento, ou seja, eram mulheres que cozinhavam, cuidavam da casa, faziam crochê e ainda cuidavam de alguns animais, enfim, memórias relembradas e contadas em tom de saudade. Porém, os círculos de sociabilidade, as redes de relações que se formam dentro da instituição são expressas como algo importante, que afasta a solidão e faz querer permanecerem na instituição. A sociabilidade dentro da instituição será mais bem abordada no próximo capítulo.

"O que é um adulto? Uma criança inchada pela idade".
Simone de Beauvoir

CAPÍTULO III

MORADORES E SUAS INTERAÇÕES.

Este capítulo apresentará as diferentes sociabilidades no ambiente asilar, bem como demonstrará que é através dessa relação de sociabilidade (expressa de diferentes maneiras entre internos) que se tem a percepção da condição de aprendizado dos processos interativos institucionais e pessoais. Essa interação acontecia, por exemplo, nos momentos de tomar chimarrão⁸, de ouvir música ou de assistir à novela, que eram atividades que se consolidavam em determinados horários, geralmente, naqueles em que as funcionárias estavam limpando as áreas internas da instituição.

3.1 Sociabilidade no ambiente asilar

O cotidiano asilar é orientado por normas e/ou regras, sendo elas uma transmissão de conhecimento, que podemos entender que faz parte da rotina dessa instituição. Os costumes são perceptíveis na conduta dos internos. A conduta no asilo é o modo de viver, de saber, de conhecer, de valores, de comportamento dentro do ambiente asilar. Sobre a transmissão dessas regras para os internos que estavam chegando, ela se dava por observação:

O gerenciador falou que a interação, o se acostumar com o ambiente ocorre "muito da observação dos outros internados". Então, de certa maneira, eles vão inserindo a rotina como normal. Cláudia (técnica de enfermagem) mencionou que eles estranharam inicialmente alguém trazer os remédios, mas depois acharam bom (Trecho do Diário de Campo de 27 de janeiro de 2014).

⁸ Chimarrão é uma bebida típica do Rio Grande do Sul

Percebo que o grupo dava um significado para as normas de convivência, pois essas faziam parte do processo de integração no ambiente asilar. Os conhecimentos e valores da instituição geram uma coesão entre o grupo, os quais são reforçados no cotidiano, através da rotina do asilo.

Em relação à rotina, os internos deviam se levantar até às 7h30min. Os que conseguiam tomar seu banho e fazer sua higiene pessoal deviam fazê-lo sozinhos, sem a ajuda de funcionários. Nos demais, era dado banho na cama - maneira de se referir aos banhos sob os cuidados das funcionárias para aqueles idosos que possuíam dificuldade de locomoção. Às 8h, era servido o café da manhã no refeitório. Aos que não podiam sair da cama, o café era levado até eles. Durante a manhã, era feita a limpeza dos quartos, e os asilados ficavam no espaço de convivência, aquele semelhante a uma quadra na área externa do asilo. Durante esse tempo, a maioria dos internos tomava o seu chimarrão e alguns fumavam cigarros. Havia um rádio nesse espaço de convivência, que ficava quase sempre ligado na estação de música gaúcha. Às 12h, era servido o almoço para os que estavam doentes ou na cama e, às 12h30min, para os demais internos, no refeitório. Após o almoço, alguns dormiam. Em seguida, 15h30min, era o horário do lanche da tarde, levado até os internos pelas funcionárias, podendo ser consumido no dormitório ou na área externa. Às 18h, era servido o jantar, no refeitório. Após a janta os idosos que tinha TV em seus dormitórios assistiam novelas, os demais ficam na sala de convivência que possuía uma TV para todos os internos ou no pátio local que possuía o rádio.

A instituição total tem um caráter de fechamento. Os portões fechados demonstravam a relação da Sociedade Assistencial Santa Isabel com o externo. Conforme Gooffman:

Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são muito mais “fechadas” do que outras. Seu “fechamento” ou seu caráter **total é simbolizado pela barreira à relação social** com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais (GOOFFMAN, 2010, p. 16, grifo meu).

Compreendo essa instituição como uma ***instituição total***, na qual, quando se passa a ser interno, ocorre certa homogeneização. Há uma padronização de horários, ou seja, um conjunto de regras para o funcionamento da instituição:

O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, **todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade**. Em segundo lugar, **cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas**, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, **todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários**, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, **as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição** (GOFFMAN, 2010, p. 17/18, grifo meu).

É possível de identificar a Sociedade Assistencial Santa Isabel com o que Goffman (2010) caracteriza como uma instituição total. Além do “fechamento do portão”, podemos associá-la com o primeiro aspecto citado por Goffman, ou seja, da realização das atividades no mesmo local, sempre assistidas por funcionários e realizadas em grupo. Além disso, há a rigidez dos horários, que deixava de lado a vontade individual, como, por exemplo, a do banho, para se adequar ao bem-estar do coletivo. “Enquanto ator social, o conjunto de papéis com os quais um idoso asilado poderia contar em seu “eu” torna-se restrita na medida em que a instituição é menos aberta para o mundo exterior” (GRAEFF, 2007).

Na Sociedade Assistencial Santa Isabel, nem todos os idosos podiam circular do lado de fora do portão, exceto se estavam acompanhados por um responsável. Somente alguns internos podiam sair para ir ao mercado ou à farmácia.

Sobre a rotinização, a criação de normas visando ao bem-estar do coletivo, ela produz a perda de uma identidade individual, por gerar uma homogeneização necessária para melhor atender ao grupo. “Tomar parte na cultura asilar, de uma maneira geral, significa compreender e incorporar esse conjunto complexo e hierarquizado de maneiras de pensar e agir, que são dados no próprio ritmo das relações estabelecidas em cada espaço social habitado” (GRAEFF, 2007, p. 4).

Os horários de banho, da alimentação, de dormir durante o turno da noite e, inclusive, do que era compreendido pelos idosos como “lazer” (por exemplo, o chimarrão, o cigarro, entre outros) estavam intrinsecamente relacionados às normas

preestabelecidas pela instituição. Esses momentos de “lazer” ocorriam entre as refeições, nos horários em que os dormitórios e as demais peças estavam sendo limpas. Até mesmo as visitas tinham os seus tempos estabelecidos de modo que não prejudicassem a limpeza e a rotina do asilo.

A rotina, as regras, estabeleciam, por exemplo, a proibição do consumo de bebidas alcoólicas nas dependências da instituição e de namoros com contatos sexuais, sendo definido que o namoro devia ser uma conversa durante o chimarrão. As regras, de acordo com o gerenciador, serviam para uma melhor organização da instituição.

Em relação à sociabilidade na Sociedade Assistencial Santa Isabel, nos momentos em que percebi as práticas de sociabilidade, as atividades eram quase diárias, como as rodas de chimarrão. Alguns grupos apreciavam músicas e/ou cigarros, as festinhas nos dormitórios, as reuniões de mulheres para fazer fuxico ou tricô. Compreendo esses momentos como fazendo parte da cultura asilar, sendo cultura asilar “o esforço sistemático de produção e interpretação de sentidos realizados pelos atores que vivem o cotidiano institucional” (GRAEFF, 2005, p. 147). Portanto, as atividades que têm um determinado sentido, razão e valor para os internos são consideradas a cultura asilar.

A sociabilidade, dada pelos conteúdos dos arranjos sociais, se viabilizaria em razão da multiplicidade dos jogos sociais, aqui entendidos como os artifícios socialmente construídos por meio das interações (inter <=> ações) sociais projetadas em indeterminadas formas de sociações, e produtoras do meio social, e pela estruturação de vital importância para a formação da própria sociedade, a qual se expressaria em infindáveis quadros sociais, e por que não dizer, nas inumeráveis formas de existência social (JUNIOR, 2005, p. 33).

No decorrer da pesquisa, fui percebendo que os espaços de socialização são criados de acordo com as normas e regras de convivência estipuladas pela instituição. Por exemplo, os grupos se reuniam em horários em que os dormitórios estavam sendo higienizados pelas funcionárias. As regras da instituição, de certa forma, estimulavam essas socializações, que eram feitas sem ser algo programado pela direção do asilo. A interação acontecia nos momentos em que os internos não poderiam estar em seus dormitórios.

É que em qualquer sociedade humana pode-se fazer uma distinção entre seu conteúdo e sua forma. A outra proposição é que própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos. Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Os

instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem aqueles instintos, interesses, etc., a formarem uma unidade- precisamente, uma “sociedade” (SIMMEL, 1983, p. 165, grifo meu).

A interação é um modo de criação de laços afetivos e de ocupação do tempo dentro do asilo. Entendo a interação como base para transmissão das normas e regras que existem dentro da instituição. Para os novos asilados, não existe uma apresentação formal do asilo, de suas normativas, os idosos que estão chegando vão aprendendo com os que já vivem no asilo. e então, os laços afetivos manifestam-se das mais variadas maneiras de convivência: em rodadas de chimarrão, nos momentos das refeições, nas danças, nos bailes, nos vínculos criados entre as comadres (as asiladas costumam “batizar” as bonecas umas das outras e, assim, tornam-se comadres). Ou seja, estas são maneiras de sociabilidade dentro da instituição asilar.

A sociabilidade como forma autônoma ou lúdica, de sociação. Esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. **Aqui “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais.** As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. E isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 168).

Os laços afetivos criados dentro do asilo não estão restritos apenas às pessoas acima de 60 anos, as quais são consideradas idosas pelo Estatuto do Idoso. As afetividades não são restringidas pela idade. Dessa forma, achei necessário incluir na pesquisa algumas pessoas que não fazem parte da categoria “idoso”, pois os sujeitos com idade inferior a 60 anos também fazem parte desses vínculos afetivos. A sociabilidade existente dentro do asilo resulta de um dinamismo das relações sociais.

Entretanto, no dinamismo das relações sociais o terreno da sociabilidade mercada também propicia encontros que podem gerar outras formas, mais espontâneas, de convivência, como a camaradagem e a amizade - e aí, sim, retornamos, ainda que pontualmente, à sociabilidade “pura” (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 208).

Compreendo a interação no asilo como sendo uma troca de afetividade entre os internos. Percebi que existiam grupos distintos dentro do asilo, que tinham vínculos de amizade. Britto da Motta (1999, p. 207) trabalhou a sociabilidade com uma analogia, a *Potlatch*, do ensaio sobre a Dádiva de Mauss:

Mauss, no Ensaio sobre a Dádiva (1974), demonstra a sempre atualizada tentativa social de troca entre iguais-que-vão-se-tornando-diferentes, enquanto exercitam a reciprocidade e, ao mesmo tempo, a afirmação social de cada indivíduo, ou a sua representação (ou apresentação?). **A reciprocidade/afirmação é parte básica do mecanismo fundante da sociabilidade humana. Os seus modos de realização vão do "potlatch" primitivo a rituais sociais modernos**, ainda relativamente pouco analisados pelas Ciências Sociais: festas, reuniões sociais, troca de presentes, homenagens...

As próximas seções desta dissertação trazem trechos do diário de campo, das anotações e observações que foram feitas durante a pesquisa de campo. Além disso, usarei algumas fotografias para apresentar os momentos de sociabilidade dos idosos.

3.1.1 Rede de comadres e compadres

Descobri que a maioria das mulheres que frequentam a aula de alfabetização têm bonecas e as cuidam como fossem filhos e também as mencionam como tal, elas têm suas comadres, pois as bonecas são batizadas (Trecho do Diário de Campo de 27 de janeiro de 2014).

Enquanto observava uma aula de alfabetização do Programa Brasil Alfabetizado, observei que as senhoras que frequentavam as aulas falavam em “visitas” e combinavam de tomar chimarrão ao final da tarde. Nesses momentos, citavam nomes que não me eram comuns do convívio no asilo. Então, perguntei quem eram aquelas pessoas, cujos nomes não me eram familiares e elas responderam que eram suas filhas. Indaguei novamente: “Então elas vêm visitar as senhoras à tardinha”? Elas responderam, em meio a um belo sorriso: “Não, elas moram aqui, são bonequinhas que as meninas do colégio trouxeram”.

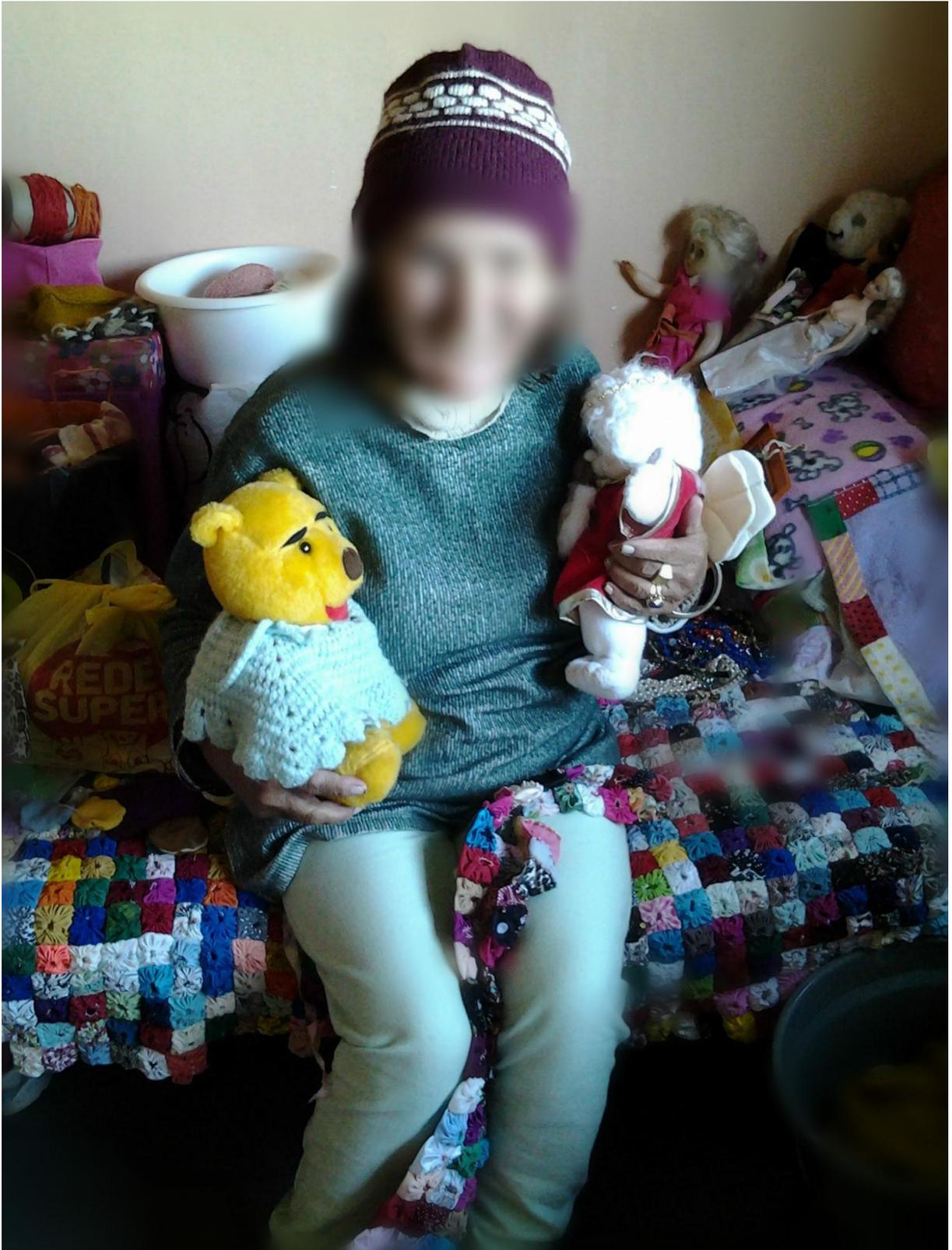


Figura 16 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

A foto ilustra um dia em que Linda me levou até o seu dormitório para me apresentar algumas de suas filhinhas.

Apesar de falarem nas bonecas como se estas fossem suas filhas, essas senhoras não devem ser infantilizadas, pois não brincavam como crianças. As bonecas eram consideradas filhas, estavam vestidas e guardadas entre os pertences das idosas. No entanto, ter uma filha boneca é algo simbólico para estender um laço afetivo com outras internas, por se tornarem comadres.

E as filhas? (Pergunto)
Ah tenho a bonequinha (risos).
 De quem a senhora ganhou? (Pergunto)
As gurias do colégio deram!
 A senhora gostou? (Pergunto)
Gostei (risos).
 Elas têm nomes? (Pergunto)
Tem sim, uma é Gabriela e outra não posso lembrar o nome.
(Conversa com Linda)

E as filhinhas? (Pergunto)
Ah estão bem...
 (Conversa com Lore)
 Qual é a sua Comadre, Dona Margarida? (Pergunto)
É a Madalena.
 E onde ficam as suas filhinhas?
Ficam no armário, porque me roubam, e a Maria e Ivaldina e a Margarida eu mandei para a casa da minha irmã.

Priscila conta que tem mais de três afilhadas, que todas têm medo que elas sejam pegas por outros internos que não têm bonecas.

(Trecho do Diário de Campo de 28 de janeiro de 2014).

Ao entrar no asilo, notei que havia uma senhora com um sapo de pelúcia; vislumbrei essa cena cerca de vinte vezes. Essa contagem foi feita através das anotações no diário de campo. A cena era a seguinte: uma senhora sentada em uma cadeira de rodas abraçada a um sapo de pelúcia de maneira carinhosa, semelhante ao modo que seguramos um recém-nascido. Tentei falar com ela, no entanto, ela não falava. Então, as demais internas me relataram que ela parou de falar devido a um derrame.

As idosas que tinham bonecas narravam suas histórias de vida contando sobre suas “filhas”, as quais tinham nomes e tinham madrinhas, conforme relatado anteriormente. Percebi que elas cobravam a visita das outras internas para as suas “filhas”. As visitas eram feitas pela comadre no dormitório da “mãe” da afilhada.

Segue um trecho do diário de campo, no qual Margarida conta um pouco de sua vida, de sua “filha” e do batizado.

Acompanhei novamente uma aula. Escutei bastante as senhoras, principalmente Margarida, recebi um beijo da dona Madalena. A dona Margarida contou sua história, seu tempo na lavoura e na cidade cuidando do irmão, e que ela tem uma filhinha, que é uma bonequinha, e comadres. E a Priscila me contou sobre o batizado e as filhas e que elas se visitam (Trecho do Diário de Campo de 28 de janeiro de 2014).

Sobre as pessoas que levavam as bonecas para elas, “as meninas do colégio”, as idosas não sabiam responder quem eram, também não obtive tal informação com os funcionários. Creio que a origem das bonecas não era o mais significativo nesse momento. O significado estava na construção de uma rede de sociabilidade que girava em torno das bonecas, a qual intitulei de “Rede Comadres e Compadres”.

Procuro ilustrar através de uma imagem simples o modo como percebi essa rede de sociabilidade. Os nomes das internas estão em círculos e, através de uma linha em cinza, liguei-as com suas respectivas comadres. O ser comadre era motivo que levava as internas a fazerem visitas umas às outras nos dormitórios. Conforme as idosas, as visitas aconteciam, no mínimo, uma vez por semana.

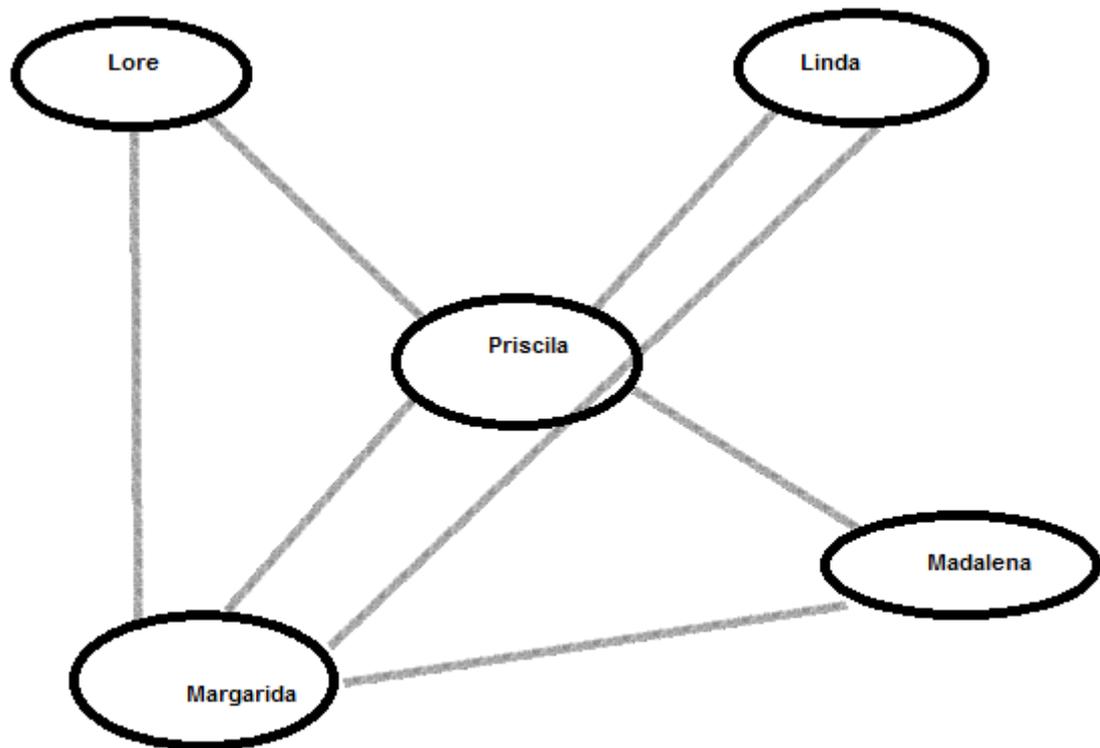


Figura 17 – Rede de comadres

O motivo de elas se intitularem de comadres estava relacionado a um batizado que elas mesmas faziam dentro do asilo, na área externa, próximo ao pátio coberto. Quem eram os compadres? Eram os “namorados” das comadres, os quais não acompanhavam as comadres na hora da visita ou do chimarrão nos dormitórios. Portanto, eram compadres simbolicamente, pois nem ao menos haviam participado do batizado.

As idosas tinham medo que suas bonecas fossem furtadas por outras internas. Presenciei alguns momentos de choro das idosas, quando tiveram xampu, sabonete, toalha ou roupas apropriados indevidamente por outras idosas. Por isso, as bonecas eram bem guardadas. Durante a pesquisa, não aconteceu de alguma boneca ser apropriada indevidamente por outro interno. Percebi que os idosos tinham um grande apego, afeto, pelos objetos pessoais que possuíam dentro do asilo, pois tinham cuidado no momento de guardar, na maneira de segurar, atenção para ver quem estava próximo na hora de “esconder” os objetos pessoais, já que havia idosos rotulados como furtadores.

Nas visitas aos dormitórios, fui apresentada às filhinhas por algumas madrinhas ou por alguma idosa que possuía a boneca. Elas sempre perguntavam umas às outras como estavam suas afilhadas.

Para finalizar o trecho sobre a abordagem da rede de comadres e compadres, apresento a imagem do dormitório de uma das comadres com as suas respectivas “filhas”. Também trago a imagem de idosas que não fazem parte da rede de comadres, mas que possuem bonecos, porém, não os chamam de filhos. Percebi a importância dos objetos para serem chamados de seu e a organização e o afeto que elas têm com os bonecos. Em um ambiente onde a maioria das coisas é comunitária e compartilhada, os objetos pessoais, como as bonecas, assumem um papel muito relevante no cotidiano da vida asilar.



Figura 18 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

3.1.2 Chimarrão, religiosidade, afetos, festas.

Vou descrever alguns momentos de sociabilidade, que estão relacionados a algumas atividades, como os horários de tomar chimarrão, os momentos de religiosidade, que são as missas e cultos⁹, as festividades, além dos vínculos afetivos. Estes sempre eram momentos que não eram estipulados ou norteados pelos funcionários. No entanto, lembrando que os idosos estavam em uma instituição total, percebi que esses momentos, geralmente, ocorriam devido a situações em que eles não podiam estar em seus dormitórios ou nos corredores, por serem os momentos de higienização desses locais. Trago um trecho do diário de campo do dia em que a professora faltou, tendo sido em uma roda de chimarrão, o momento em que começou a minha inserção em grupos que não frequentavam as aulas.

A professora hoje não foi, foi minha primeira experiência para sentar com os idosos sem ser em momento relacionado à sala de aula. Enfim, a conversa não foi grande, era regada de grandes momentos de silêncio. Percebi que elas me estranhavam, mas a Priscila havia sentado comigo na roda de chimarrão onde estavam idosas que frequentam as aulas, o que facilitou o diálogo (Trecho do Diário de Campo de 12 de fevereiro de 2014).

As rodas de chimarrão ou a hora do mate, como era chamado esse momento, ocorriam em três momentos distintos: primeiro pela parte da manhã, depois do café e antes do almoço; o segundo momento era perto das 15h, próximo ao lanche da tarde; e o terceiro ocorria à tardinha. Os grupos reunidos eram pequenos. Alguns idosos tomavam seu chimarrão sozinhos. Os grupos ou os idosos sozinhos, geralmente, estavam sentados no mesmo local no pátio e, nos dias frios, alguns apreciavam a bebida na sala de convivência e outros em seus dormitórios.

Ao chegar, sentei com Angelita na roda do mate; Novamente agradei o chimarrão, pois se beber com um grupo terei que sempre tomar o chimarrão. Sobre o ambiente que sentei na rodada do chimarrão, sei que têm muitos anos que a Ana e a Rosa sentam naquela sombra (vale lembrar, a Dona Ana trata a Dona Rosa como filha). Conversamos sobre as aulas de alfabetização que aconteciam no asilo, expliquei para Dona Ana a minha pesquisa com idosos, e ela começou a conversar comigo muito sobre envelhecimento (Trecho do Diário de Campo de 29 de março 2014).

⁹ A missa é dirigida por um membro da Igreja Católica Apostólica Romana; o culto geralmente é ministrado por um pastor evangélico.

O chimarrão por si só já é algo que reúne as pessoas. No asilo, diariamente, as pessoas saíam dos seus dormitórios, encontravam-se no pátio e apreciavam o chimarrão. As conversas eram sobre coisas que aconteciam no asilo, por exemplo: sobre os novos internos que haviam chegado, sobre os que estiveram ou estavam no hospital, queixas de coisas que gostariam de ter no asilo, como mais médicos, enfermeiros. Também conversavam sobre as novelas. Torna-se importante mencionar que optei por não tomar chimarrão e nunca fiz isso dentro do asilo, com nenhum grupo.

O chimarrão fazia parte da rotina asilar. Muitos levavam suas garrafas térmicas para o senhor Pedro aquecer a água na sala de convivência e retornavam para o pátio ou para seus dormitórios com as garrafas térmicas cheias. Mensalmente, ganhavam erva-mate do gerenciador, preparavam em suas cuias o seu chimarrão e o compartilhavam com outros internos ou apreciavam a bebida sozinhos.

Os namoros estavam relacionados com o ato de beber o chimarrão em casal e, dessa forma, eram autorizados e permitidos pela direção da instituição. Mas, nesses namoros, só era tolerado o ato de tomar chimarrão e conversar, sendo proibidos os contatos mais íntimos nos dormitórios. Sempre era possível ver casais, que se intitulavam namorados, tomando chimarrão, fumando cigarros ou apenas conversando.

Conversei com o Pedro e com a Priscila sobre o namoro. Eles contaram sobre as restrições do namoro e como começou: ela estava ajudando na limpeza e ele também, ambos estavam passando pano no chão (às vezes os idosos ajudam na limpeza como uma forma de ocupar o tempo, conforme eles informaram, no entanto, nunca presenciei isso, somente ajuda na distribuição de lanches) e começaram a namorar ali, naquele sofá, uns beijos e abraços. Então contaram (os outros internos) para o gerenciador, o qual imediatamente chegou à sala de convivência e falou que não poderiam os beijos e abraços, que os namoros permitidos eram somente sentar e tomar mate juntos. Desde então, segundo ambos, eles sentam todas as tardes e tomam chimarrão juntos (Trecho do Diário de Campo de 17 de dezembro de 2014).



Figura 19 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Enquanto estava na roda de chimarrão, escutavam-se as músicas de um aparelho de som, que estava sempre sintonizado em uma rádio cuja trilha sonora era de músicas gaúchas¹⁰. Alguns internos se sentavam próximos a esse aparelho para escutarem as músicas. Outros relataram que já haviam se incomodado com o barulho e desligado o aparelho algumas vezes. Os internos que desligam o rádio, são os mesmo que saem da instituição e fazem compras para os outros internos, ficando claro uma relação de poder. Havia internos que tinham seu próprio aparelho e mencionavam que, às vezes, ficavam o dia todo escutando músicas das rádios locais, o que acontecia mais nos finais de semana.

Sexta-feira, parte da tarde, seis de junho, saí andar novamente com a Priscila e descrevi ambiente por ambiente até com os nomes dos quartos. Percebo que há grupos distintos e que não tenho acesso a todos. À tarde,

¹⁰ Música gaúcha são músicas típicas e tradicionalistas do Rio Grande do Sul.

quando voltei para me despedir, encontrei um mesmo grupo na lareira tomando mate. Percebo que eles não vão ao culto, e alguns acham estranho os internos que vão ao culto e vão à missa (Trecho do Diário de Campo de 6 de junho de 2014).

A missa e o culto tinham dias certos para acontecerem: sempre, às quintas-feiras, as missas da Igreja Católica e, às sextas-feiras ou sábado, o culto da Igreja Evangélica. Segue o trecho do diário de campo em que eu havia combinado de fazer uma entrevista com uma idosa, mas coincidiu com o horário de um culto evangélico agendado devido à proximidade do natal, no qual todos idosos receberam um saquinho com algumas guloseimas. Resolvi não atrapalhar o momento de religiosidade e, como após a celebração a Dinda estava bem emocionada, deixamos a entrevista para outro momento. Saliento a importância da religiosidade dentro do ambiente asilar.

Durante a tarde tem orações do pessoal evangélico, muitos se deslocam dos seus cantinhos e pedem orações ou músicas evangélicas. Estava lá para fazer a entrevista com a Dinda e então resolvi não atrapalhar o momento do culto. Eles ganharam um saquinho de guloseimas devido à proximidade com o natal (Trecho do Diário de Campo de 19 de dezembro de 2014).

A missa e o culto eram celebrados no pátio, onde os idosos ficavam em um círculo. Tinham duração de, no máximo, uma hora, sempre no período da tarde, depois das 15h. Em um dado momento, perguntei a alguns dos internos a qual das duas religiões eles pertenciam/frequentavam, ao que me responderam:

Era católica, agora sou evangélica, fazem dois anos que sou evangélica [...] O que a senhora gosta de fazer no asilo? Eu gosto de assistir os cultos que vêm aqui e o culto da Igreja Católica também gosto de assistir. Gosto de compartilhar junto (Dinda, 78 anos).

(Perguntei) Tu tem religião, Linda? Qual das duas tu frequenta? A Linda respondeu: as duas, porque vêm aqui, mas eu sempre fui da católica, sempre e foi porque é a que mais veio aqui (Linda, 76 anos).

É católica, mas eu vou na evangélica (Angélica, 71 anos).

Alguns internos demonstravam indignação pelo fato de alguns comparecerem a ambas as celebrações religiosas. Esses mesmos idosos não compareciam a nenhuma, ficavam refugiados em seus dormitórios. Alguns contavam que, há algum tempo, as pessoas que pertenciam ao centro espírita também faziam visitas semanais, que os mesmos idosos frequentavam todas as celebrações religiosas.

Compreendo que é comum essa busca do divino nessa fase da vida, em que a proximidade e as dúvidas sobre a morte fazem o indivíduo acreditar e buscar as mais diferentes crenças como um suporte. Porém, percebi que cerca de cinco internos frequentavam os atos religiosos por serem uma atividade, algo diferente no seu dia a dia. Em seus discursos, notava-se que a frequência não era por algo ligado à religiosidade.

Os idosos que estavam no asilo tinham uma proximidade com a morte, pois era algo que estava presente nos acontecimentos do asilo. O falecimento de um interno ou a chegada de um novo eram motivos para conversa durante uma semana. Entendi que o falecimento, a doença, fazia alguns idosos buscarem refúgio na religiosidade. Segundo Debert (2012, p. 24), “não devemos dissociar a velhice da doença e da morte”.

Quantas histórias diferentes, idades e personalidades, o que esperam? (Pausa) Morte! Perda do elo com a família e a sociedade, certeza de nada, só da morte (Ana, 60 anos).

Quais as mudanças no corpo causadas pelo envelhecimento? (perguntei). A carne vai diminuindo, fica só os ossinhos e o couro, quando chega envelhecer, quando não morre antes. A velhice vem, a pessoa fica fraca. Já estou passada das horas da idade (Dinda, 78 anos).

O hábito de fumar cigarros gerava outra rede de sociabilidade, não só entre os que fumavam, mas também destes com os internos que tinham permissão para sair a qualquer momento¹¹. Alguns se trocavam cigarros. Outros sentavam sozinhos no pátio para apreciar o seu cigarro. Vi muitos pedirem cigarros uns aos outros. Alguns faziam o seu próprio cigarro com palha, conhecido pelos internos como palheiro¹², e convidavam outro interno, doando o palheiro que foi feito, tal como se fosse um presente. Observei que alguns não saíam da instituição, então, davam dinheiro aos que saíam, encomendando algumas carteiras de cigarros.

Em datas festivas, como na Páscoa ou no Natal, apareciam pessoas da comunidade com doações. Então, em um dia próximo da Páscoa do ano de 2014, consegui observar a comunidade deixando “mimos” para os idosos, os quais são descritos no diário de campo:

¹¹ A maioria dos internos tinha permissão para sair apenas se acompanhada de um responsável.

¹² O cigarro de palha ou palheiro é um cigarro artesanal, para o qual seus usuários adquirem palha e fumo separadamente e fazem seus cigarros enrolando a palha e o fumo.

A Angelita foi para o seu dormitório e logo apareceu a Ana para me cumprimentar e me avisar que estava no quarto com a Dona Rosa. Acredito que a notícia de que eu estava ali se espalhou rápido, pois a Lore apareceu, me cumprimentou e me avisou que estava lavando roupas. Bom, conversei mais um pouco no pátio, chegou um senhor no portão, falou com uma funcionária e logo voltou até seu carro e apareceu com uma torta gigante. Nesse tempo em que estava sentada na roda de chimarrão, chegaram umas senhoras com sacolas de roupas e depois um outro senhor chegou com uma caixa de papel tamanho médio, entregou para a funcionária, falou alguma coisa que não ouvi, mas em seguida apareceu a funcionária distribuindo um papel no qual tinha um bombom, e dizia “Feliz Páscoa”, e um coelhinho. A Linda se encantou com o coelhinho “ooo coelhinho” (ela falava). Ela estava encantada bem mais com o coelho do que com o bombom... (Trecho do Diário de Campo de 19 de abril de 2014 – um sábado, após a Sexta-Feira Santa e antes do domingo de Páscoa).

Em relação à Páscoa e ao Natal, os visitantes que encontrei nesses dias não possuíam vínculos familiares com os idosos, contrariando as minhas expectativas, pois os familiares eram as pessoas que eu esperava encontrar no asilo naquelas datas festivas. As visitas que encontrei eram oriundas da comunidade santiaguense, eram pessoas anônimas levando mimos, como bombons com mensagens, bolos, cachorros-quentes¹³ para os internos.

Em relação ao Natal do ano de 2014, a visita de dois grupos da comunidade santiaguense ao asilo acabou coincidindo em data e horário, sendo que um grupo de pessoas pertencia à casa espírita e levou bolo, cachorros-quentes e refrigerantes e outro grupo era composto por funcionários de uma concessionária, que também levou cachorros-quentes e refrigerantes.

Devido ao fato de os dois grupos terem levado cachorros-quentes, os funcionários optaram por reservá-los para a janta. O pessoal da concessionária serviu o lanche aos funcionários e logo foi embora. Acompanhei a festa do grupo da casa espírita. A festa tinha música, Papai Noel, uma ajudante de Papai Noel, presentes e muito afeto para os idosos. Durante a festa, uma das frases que mais me chamou a atenção foi a dos idosos perguntando uns para os outros: **ganhou presente do Noel?**

O pessoal da concessionária estava dando cachorro-quente e refrigerante. O pessoal da casa espírita iria levar torta e cachorro-quente também [...]. Então foi o Papai Noel, certamente um dos momentos mais lindos que presenciei lá dentro do asilo, de emocionar muitos os idosos, eles choravam de maneira silenciosa, só via as lágrimas em seus rostos, sorriam e, quando o Noel (como muitos o chamavam) chegou perto correram para um forte abraço. Aquela figura de Papai Noel, tão comum para emocionar uma

¹³ É um sanduíche quente feito com pão, salsicha e molho de tomate.

criança, emocionou tanto aqueles idosos. Muitos, ao receberem o presente, encheram os olhos de lágrimas novamente, e um interno em específico, em seu choro silencioso, me pediu uma foto com o Noel. Após aquela entrega de presentes, começaram a se dar “Feliz Natal” entre eles, e também vinham me abraçar, desejar “Feliz Natal”. Comeram bolo e os cachorros-quentes ficaram para a janta (Trecho do Diário de Campo de 20 de dezembro de 2014).



Figura 20 – Festa de Natal

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Afetos são laços criados por amizades, como as de alguns idosos que adotaram outros e os consideravam filhos. Esse era a relação da Ana com a Rosa, bem como entre Linda e um jovem, que vou chamar de Marcelo, o qual tinha problemas de locomoção e antes de completar 25 anos já estava no asilo. Dentro do asilo, havia alguns idosos que cuidavam um dos outros e prestavam pequenas ajudas quando as funcionárias não estavam por perto, como alcançar água, ajudar um idoso que tinha mão trêmula a beber um suco ou comer uma bolacha, levar um

interno até o banheiro. Seguem algumas imagens de idosos que mantinham laços profundos de amizade, que se visitavam ou estavam presentes na vida diária do asilado que precisava ser ajudado.



Figura 21 – Idosos

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Os bailes aconteciam mensalmente e eram coordenados por uma professora que estava vinculada a grupos de terceira idade de alguns bairros. Esses projetos dos bairros eram promovidos pela prefeitura, e a professora era funcionária municipal. Durante um dia do mês, tinha-se um baile no asilo, com gaita, violão e um som, levados até a instituição por outros idosos. Os idosos que pertenciam aos bairros almoçavam no pátio, faziam uma fila grande e depois se acomodavam nos bancos. Os idosos asilados almoçavam no refeitório. O baile começava por volta das 10h e continuava após o almoço até quase às 17h.



Figura 22 – Baile

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

Os idosos dançavam. Alguns já possuíam seus pares certos, principalmente os que não eram internos. No baile, observei mulheres dançando com mulheres. Notei que alguns internos sempre colocavam seu melhor traje de roupa para o dia do baile e ficavam esperando ansiosos por ele. Nem todos os idosos asilados gostavam do baile com a música alta e muita dança. Alguns internos ficavam refugiados em seus dormitórios ou na sala de convivência para tomar chimarrão.

Hoje fui convidada para o baile que tinha da terceira idade, que é dos grupos da prefeitura junto com a professora. Conversei com todos os informantes e conheci um senhor novo que chegou para ser interno [...]. **Enquanto uns bailavam e dançavam, outros preferiam ficar em seus quartos sem interagir com o pessoal da terceira idade da cidade** que vai ao asilo. Percebi que os idosos que não pertenciam ao asilo dançavam entre eles, o mesmo com os asilados. (Trecho do Diário de Campo de 17 de dezembro de 2014).

Abaixo algumas imagens dos bailes que presenciei durante o tempo de pesquisa, as quais retratam as danças. Muitos dos idosos não pertenciam ao asilo, e

foi possível observar que alguns apreciavam os bailes sentados e outros apenas espiavam ou ficavam em seus dormitórios.



Figura 23 – Baile

Fonte: Acervo pessoal de Trícia Cardoso

3.2 Os espaços imaginários do asilo

Para abordar os espaços imaginários, considero importante iniciar com um trecho do diário de campo no qual percebo esses espaços, que são denominados de “seus”, tais como a sombra da árvore, um banco ou, até mesmo, um lugar no corredor:

Tem uma senhora chamada Ana que cuida de outra idosa e a chama de bebê, meu amor, um afeto maternal. Ela não me deu muita conversa, mas ambas estavam na roda do mate, somente conversei com Ana, quando um

senhor trouxe seu telefone que parou de funcionar, para ela arrumar. Nem ela, nem eu conseguimos, mas ocorreu um breve diálogo. Importante que, quando falei sobre o lugar que elas estavam, falei que era bom por ter uma sombra e um ventinho maravilhoso, Ana respondeu: **esse é o nosso lugar, sempre sentamos aqui, cada um tem o seu lugar Ah, faz tempo? (perguntei). “Fazem muitos anos”, ela respondeu.** Logo em seguida, ela saiu com sua “filhinha”, por causa do temporal que estava se formando. Também levei a cadeira com a Priscila e voltei para casa por causa da chuva (Trecho do Diário de 12 de fevereiro de 2014).

Espaços imaginários são locais que os internos denominam de “seus”. Nos dormitórios, são as camas, as mesinhas e alguns roupeiros, pois não eram todos os dormitórios que possuíam roupeiros. Há quem chame de seu um banco, a sombra de uma árvore, um espaço no sofá, determinada cadeira ou banco no pátio. Comecei a observar que os internos quase sempre estavam acomodados nos mesmos espaços quando estavam no pátio. Então, perguntei, um dia:

A senhora gosta de sentar sempre na sombra dessa árvore? (Pergunto).
 “Sim, nós gostamos né, Angelita? Faz mais de 10 anos que essa sombra é nossa, e aquele banco é do senhor A¹⁴”, respondeu.

Assim, a partir desse dia, passei a notar que os internos quase sempre estavam no mesmo local no verão; e durante o inverno estavam no dormitório, embaixo da coberta, em sua cama, ou estavam na frente da lareira na sala de convivência. Cada um tinha, então, o seu espaço previamente definido. Não presenciei nenhuma briga pelo fato de alguém estar ocupando o espaço já definido de outro. Até porque, penso eu, eles sabiam qual era o espaço que cada um denominava de seu.

Sobre os locais que eles sentam, ouvi uma fala assim: “meu cantinho é aqui” “Vou ver daqui”, em referência à festa do Natal (Trecho do Diário de Campo de 20 de dezembro de 2014).

O espaço “seu” é um local ressignificado e apropriado dentro de um ambiente coletivo, no qual a individualidade acaba sendo esquecida pelos organizadores em prol da qualidade para a coletividade. Sobre o espaço, De Certeau (1998) faz a seguinte abordagem:

Em suma, **o espaço é um lugar praticado.** Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por sistema de signos - um escrito (CERTEAU, 1998, p.202).

¹⁴ Usarei letras para os informantes com os quais não tive um contato mais próximo e contínuo.

Sobre lugar, Certeau (1998) o define como uma ordem nas relações de convivência, na qual impera a lei do próprio:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1998, p. 201).

Assim, fica visível a apropriação e o respeito dos internos em relação aos espaços imaginários, como a sombra e os bancos, bem como às configurações dos grupos no espaço externo do asilo, os quais sentam nos mesmos locais no pátio, diariamente.

Através de uma ilustração, marquei os locais, conforme o item 1. Ana e Rosa ficavam embaixo da sombra de uma árvore nas proximidades do portão. Na sua frente, tem o item 2, onde ficam alguns idosos e no qual, todas as vezes que observei, o senhor B estava sempre no mesmo banco, próximo à entrada da sala de convivência. No item 3, alguns senhores idosos ficavam com seus jornais, durante a manhã, próximos aos seus dormitórios, nos bancos de concreto. O item 4 demonstra onde Dinda ficava sempre, ocupando o corredor próximo à entrada de seu dormitório, sempre observando pela janela do corredor. Dinda era cadeirante. No item 5, ficava um grupo de mulheres com as quais tive menor contato, que sentavam próximas à janela de seu dormitório, no corredor. O item 6 era o local de seu Pedro, na proximidade do fogão, onde ele estava todas as tardes. O item 7 é o lugar onde cerca de 3 idosas com dificuldades de locomoção ficavam, nas proximidades da entrada da cozinha, pois assim podiam ser atendidas rapidamente pelas funcionárias. O item 8 indica o lugar de alguns fumantes, que sempre sentavam nos mesmos sofás; com este grupo meu contato também não foi muito contínuo pelo fato de ser predominantemente de homens. O item 9 representa o espaço em que algumas mulheres e homens transitavam, ou melhor, mantinham um diálogo para além do cumprimento do “bom dia” ou “boa tarde”, com todos os demais grupos.

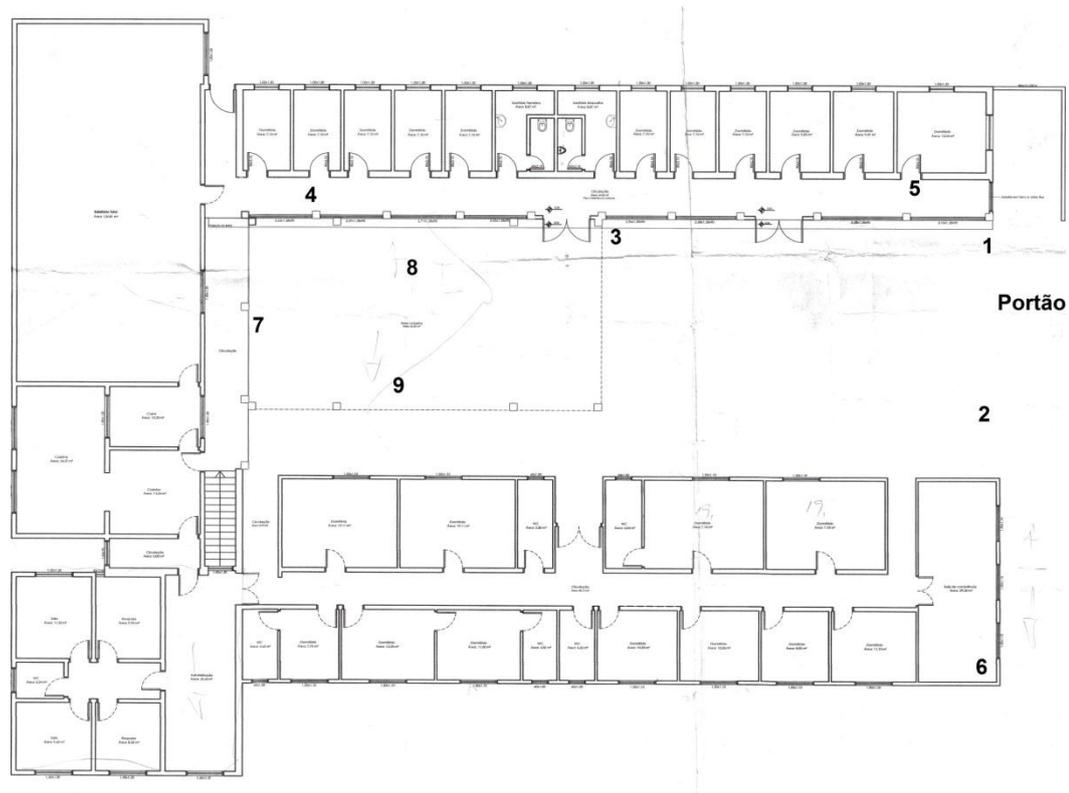


Figura 24 – Espaços

O fogão a gás, que estava na sala de convivência, por exemplo, era de todos os internos. Algumas idosas, como Angelita e Ana, mencionaram que Pedro não gostava que os outros internos utilizassem o fogão, por isso, ele estava sentado na sala de convivência todas as tardes e assumiu a função de aquecer água para o chimarrão dos demais internos. Quando perguntei para Pedro sobre a função de aquecer a água, ele falou que sempre deixava água quente e que possuía diferentes chaleiras (em relação ao tamanho), as quais utilizava conforme os demais internos iam fazendo solicitações de água quente para o chimarrão.

Os internos que iam além do portão tinham vínculo com todos os demais, pois faziam compras no mercado, como frutas, refrigerantes, cigarros. Identifiquei duas mulheres e um idoso que tinham esse papel dentro da instituição. Alguns idosos só tinham permissão para sair da instituição com o acompanhamento de responsável e com as devidas autorizações da família.

A sua institucionalização o leva a substituir essas representações sociais por novas que se caracterizam pela exclusão do processo produtivo, pela perda da família, pelo rompimento dos vínculos afetivos e pelo isolamento social. Essa nova condição o leva a assumir outros papéis sociais, definidos, determinados pela própria instituição e por seus representantes (HERÉDIA, 2010, p. 16).

Os idosos criavam papéis que eles assumiam dentro da instituição. Linda ajudava a servir o lanche da manhã ou a lavar a louça: “De manhã depois do café eu vou lá ajudar a lavar a louça da copa”, contou-me. Outra idosa ajudava a arrumar a mesa para o almoço e outra ajudava no lanche da tarde, o que não precisaria, pois as funcionárias dariam conta, mas ela pedia para ajudar, era uma maneira de ocupação. Havia também a Priscila, que sempre ia à farmácia e à paróquia.

Portanto, os próprios idosos criaram maneiras de assumir sua individualidade. Enxerguei isso quando ouvi algum interno chamando um espaço que pertencia à área comum a todos os internos de “seu”, fazendo desse espaço algo individualizado e, pelo tempo em que o interno estava lá, sendo seu realmente. Além disso, quando vi os idosos assumindo papéis e funções dentro da instituição, o compreendi como uma maneira de ocupação e um modo de ter uma determinada relevância diante dos demais internos, por ajudar em algo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, a qual foi desenvolvida com base em um trabalho etnográfico com idosos asilados na Sociedade Assistencial Santa Isabel, no município de Santiago - RS, teve como objetivo norteador compreender as experiências de envelhecer em um contexto asilar. O contato inicial, a fim de pedir autorização para o desenvolvimento da pesquisa, foi em outubro de 2013, mantendo-se um contato mensal com os funcionários até dezembro de 2013. Em janeiro de 2014, teve início a pesquisa face a face com os internos, a qual durou até janeiro 2015, passando por diferentes tempos de convívio. Os primeiros momentos ou primeiras semanas foram contínuos, quase diários, depois se tornaram quinzenais e depois mensais.

Sobre a trajetória em campo, houve cerca de 24 visitas, sendo que foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas, duas delas com a direção e funcionários e as demais com internos. As entrevistas foram realizadas apenas com o grupo com o qual mantive maior convivência. Apesar de todos os internos terem sido observados, o meu convívio com alguns deles foi mais intenso, especialmente com o grupo de internas que fazia aulas de alfabetização e que comecei a observar em janeiro de 2014. Do grupo pesquisado, há duas internas que não pertencem à categoria idoso, ou seja, acima de 60 anos, conforme o Estatuto do Idoso. Faço a utilização de seus nomes fictícios e de suas falas devido à importância que estas tiveram para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, entendo que essas internas assumem papéis nas relações afetivas, no contexto asilar. Alguns internos com os quais meu contato não foi muito próximo e que, por isso mesmo, não tiveram oportunidade de escolher um nome fictício, são representados no texto por letras do alfabeto.

No primeiro capítulo intitulado *Uma etnografia entre e com asilados no município de Santiago - RS*, apresentei a Sociedade Assistencial Santa Isabel e o método de pesquisa utilizado, que foi o etnográfico e a inserção em campo.

No segundo capítulo intitulado *Envelhecimento, tempo e narrativas*, abordei a perspectiva do envelhecimento à luz da teoria antropológica e expus as narrativas

dos internos sobre o seu entendimento em relação ao envelhecimento. Finalizei o capítulo com suas trajetórias até o asilo.

No último capítulo denominado *Moradores e suas interações*, o foco foi demonstrar os maneiras de sociabilidade criadas dentro do universo asilar. A interação é o fator que compreendi ser a resposta para a pergunta norteadora desta pesquisa, que indagava como os internos apreendiam processos interativos institucionais e pessoais.

Em relação à percepção dos idosos sobre ser um interno de asilo, foi possível entender que cada experiência de envelhecer é vivenciada distintamente. Assim como existem idosos que gostam e não querem sair do asilo, a maioria, há, como dizia o gerenciador, “uma meia dúzia” de idosos que não gostam e pedem para sair.

Entre os idosos que pedem para ficar no asilo, acabam se formando redes de afetividade, nas quais os idosos criam vínculos, como a rede “comadres e compadres”, os namoros, as rodadas de chimarrão. Essas redes são a maneira que os idosos encontraram para apreender os processos interativos da instituição.

Muitos fatos decisivos estão além do tempo e do lugar da interação, ou dissimulados nela. Por exemplo, as atividades “verdadeiras” ou “reais”, as crenças e emoções do indivíduo só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário (GOFFMAN, 1985, p. 12).

Apesar de a sociabilidade ser de extrema importância para se manter no asilo, não podemos esquecer a relevância de ter algo individual para chamar de seu, como os espaços imaginários (uma sombra, um banco, um local no pátio), criando uma individualidade dentro de um espaço compreendido como coletivo. Dessa forma, são criados costumes asilares, atitudes que não são norteadas pelas normas e regras estabelecidas pela instituição. São atitudes criadas e baseadas no que os idosos fazem por vontade individual e estas têm um significado para os internos.

Dentro do ambiente asilar começaram a ser construídos alguns questionamentos devido às observações feitas para o desenvolvimento desta dissertação. Questionamentos em relação ao tempo, pois no asilo há idosos com mais de 15 anos de internação. Observações sobre a importância de manter os cabelos compridos e as unhas pintadas, para algumas internas. A hierarquia entre os próprios internos também foi identificada, bem como o poder exercido pelos funcionários. Por fim, percebi o grande número de idosos que vinham do meio rural, pois constatei que muitos deles haviam morado, antes da internação, na zona rural.

Estes são os questionamentos ou as lacunas que ficaram em aberto com esta pesquisa e que podem servir de motivação para o desenvolvimento das minhas pesquisas futuras, pois entendo que, ao pesquisar sobre envelhecimento, sou capaz de ajudar a instigar reflexões sobre uma população que tem cada vez mais aumentado.

Portanto, ao estudar idosos asilados, foi possível compreender que o modo de apreender e desempenhar os processos institucionais e individuais dentro do asilo ocorrem através da interação com os outros internos e pelos diferentes processos de socialização como a hora do mate, as festinhas, os cultos e a missa.

REFERÊNCIAS

ANVISA Consulta Pública nº 41, de 18 de janeiro de 2004. **D.O.U** de 21/06/2004: Disponível em 10/08/2014 <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B7626-1-0%5D.PDF> Acesso em

BARROS, Alfredo. et al. A grafia da luz na narrativa etnográfica. In: **Ensaio (sobre o) Fotográfico**. Luiz Eduardo R. Achutti. (Org.). Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura. 1998.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 52, p. 109-132, 2006.

_____. (Org.). **Velhice ou Terceira idade?** Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. Memória, experiência e narrativa. **Iluminuras**. Porto Alegre, v. 12, n. 29, p. 4-17, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/25339/pdf_1> Acesso em: 10/08/2014.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. tradução de Maria Helena Franco Monteiro - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BISPO, João **Historia Popular da Rainha Santa Isabel**. Gráfica de Coimbra, 1988.

BRASIL, 2006. POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE DA PESSOA IDOSA, aprovada pela Portaria nº. 2.528 DE 19 DE OUTUBRO DE 2006. In: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-2528.htm>

BRITTO DA MOTTA, Alda. **“Não tá morto quem peleia”**: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. **Salvador, 1999**. 1999. Tese de Doutorado. Tese de Doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1999.

_____. **Cadernos CRH**. Salvador-BA: v. 17, n. 42, p. 349-355, Set./Dez. 2004.

_____. **Visão antropológica do envelhecimento.** Tratado de geriatria e gerontologia. (org.). Elizabete Viana de Freitas. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins (Org.). **Velhice ou Terceira idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange: As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **R. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v27n1/14.pdf>. Acesso em: 09 de abril 2014.

_____. (Org.) In: **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** –Rio de Janeiro: Ipea, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

_____. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** v. 15, n. 42. In: *RBCS*. Fevereiro/2000.

CERTEAU, M. **Artes de fazer Invenção do cotidiano.** Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Tradução. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Editora Vozes. Petrópolis. 1998.

CORTELLA, Mario Sergio acesso online em :
http://www.cariocainformativo.jor.br/julho05_idoso.html

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: Nunes, E. de O. **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

DEBERT, GUIDA. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. In: **Revista Coletiva**, jun/ago/set. 2011. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=56&Itemid=76&idrev=8. Acesso em 25 de novembro de 2013.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DEBERT, Guida. A reinvenção da velhice. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2012.

ECKERT, C.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). **Ciências Humanas: pesquisas e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ESTATUTO DO IDOSO / Ministério da Saúde. – 1. ed., 2. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

ESTATUTO SOCIEDADE ASSISTENCIAL SANTA ISABEL (SASSI) - Santiago/RS-s/d.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. **Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações** – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. O retrato de Si. In: Ondina Fachel Leal (Org.). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre. 1995.

GEERTZ, Clifford. 1926. **A interpretação das Culturas**. 1. ed.,13. reimpr. Rio Janeiro: LTC, 2008.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: Problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975.

_____. **A representação do Eu na vida Cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis:Vozes, 1985.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectivas, 2010.

GRAEFF, Lucas. O “mundo da velhice” e a cultura asilar Estudo Antropológico sobre memória social e cotidiana de velhos no Asilo padre Cacique, em Porto Alegre. Dissertação de mestrado. UFRGS. 2005.

_____. Instituições totais e a questão asilar: Uma Abordagem Compreensiva In: **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007.

HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Tempos Vividos, identidade, memória e cultura do idoso.** Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

_____. et al, Institucionalização do idoso identidade e realidade. In: CORTELLETTI, Mirriam & HERÉDIA, Vania (Orgs.). **Idosos asilados um estudo gerontológico.** Edipucrs, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e modernidade.** Tradução Fábio dos Santos Creder Lopes. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOUREIRO, Dom Paulo Rolim. **Santa Isabel Rainha de Portugal.** Editora Palúdio Limitada. São Paulo: Brasil.

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, Marcos e outros. **A saúde em debate na Educação Física.** vol. 2. Blumenau: Nova Letra, 2006.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EDUSP, 1974. p. 211-233.

MAGNANI, José Guilherme. A etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>. Acesso em 25 de novembro de 2013.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. In: **Benefícios: INSS oferece quatro tipos de aposentadoria.** Disponível em: http://www1.previdencia.gov.br/agprev/agprev_mostraNoticia.asp?Id=14928&ATVD=1&DN1=20/04/2004&H1=09:03&xBotao=0%20. Acesso em 25 de novembro de 2013.

MORAES, Maria Luiza Gusmão. **Sala de espera.** Dissertação de Mestrado/UNB Brasília, 1977.

NETTO, Matheus Papaléo. O estudo da velhice: histórico de definições do campo e termo básico. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. FREITAS, Elizabete Vianna de; [et. al.] – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, **Plano de ação Internacional contra o envelhecimento, 2003**. Organização das Nações Unidas: tradução de Arlete Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003 (Série Institucional em Direitos Humanos: v. 1).

PEIXOTO, Clarice: Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: Velhos, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moares Lins (Org.). **Velhice ou Terceira idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RODRIGUES, Nara Costa. **Gerontologia Social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 94p.

SANCHEZ, Alba I. M.; BERTOLOZZI, Maria R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em saúde coletiva? In: **Ciência & saúde Coletiva**, 12(2):319-324, 2007.

SIMMEL, Georg. Sociologia/organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; [tradução de Carlos Alberto Pavanelli et al.]. São Paulo: Ática, 1983.

SIMÕES, Júlio de Assis. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390p.

JUNIOR, José Alcântara. O conceito de Sociabilidade em George Simmel. In: **Ciências Humanas em Revista**- São Luís, v. 3, n. 2, dez. 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il.